

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ENSINO TRADICIONAL X ENSINO CRÍTICO: DESAFIOS E PROBLEMAS  
METODOLÓGICOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL FREI  
ANDRÉ DA COSTA**

**TEFÉ  
2017**

**KETTLEN CRISTINY LEMOS VIEIRA CORDEIRO**

**ENSINO TRADICIONAL X ENSINO CRÍTICO: DESAFIOS E PROBLEMAS  
METODOLÓGICOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL FREI  
ANDRÉ DA COSTA**

**Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de História da Universidade do  
Estado do Amazonas – UEA, como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciatura em História.**

**Orientadora: Professora Dra. Cristiane da Silveira.**

**TEFÉ  
2017**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**ENSINO TRADICIONAL X ENSINO CRÍTICO: DESAFIOS E PROBLEMAS  
METODOLÓGICOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL FREI  
ANDRÉ DA COSTA**

Por

**KETTLEN CRISTINY LEMOS VIEIRA CORDEIRO**

Esta monografia foi apresentada às.....horas do dia..... de..... de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

.....  
**Professora Dra. Cristiane da Silveira (Orientadora)**

.....  
**Professor Msc. Yomarley Lopes Holanda (Membro)**

.....  
**Professor Msc. Esdras Carlos de Lima Oliveira (Membro)**

*Dedico este trabalho aos meus pais Sandra e João, por terem dedicado suas vidas por mim, a minha querida irmã Karen e a minha avó Rosimar que desde o início me acompanharam nessa difícil jornada universitária e não mediram esforços para que eu conseguisse chegar à etapa final, pois tantos foram os momentos difíceis que passei, mas eles sempre estiveram do meu lado.*

*Em especial dedico ao meu Pai/Avó/Tio Osvaldo por ter superado tantos problemas de saúde e com força e coragem enfrentou todos para continuar me vendo vencer na minha vida pessoal e profissional. Dedico-lhes essa conquista como gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente aos que me ajudaram espiritualmente, isto é, a Deus por ter me presenteado com o dom da vida e da sabedoria e também a minha Mãe Maria Santíssima, não qual sempre recorro nos meus momentos bons e ruins.*

*Ao meu namorado Fábio que foi fundamental na etapa final do curso. Foi ele quem acompanhou de perto meus medos, temores, raiva e o meu sucesso na realização dos Estágios I e II. Quando pensei em desistir de tudo, ele me fez continuar. Obrigado pelo incentivo, apoio, paciência e aos conselhos e broncas, sem ele não teria conseguido superar todos os obstáculos.*

*A minha orientadora Professora Doutora Cristiane da Silveira, pela ajuda prestiosa. Fica aqui minha gratidão pela dedicação e sabedoria com as quais orientou esse trabalho.*

*A todos os professores que no decorrer dessa Licenciatura partilharam seus conhecimentos e foram fundamentais para meu desenvolvimento intelectual e a proporcionarem maturidade aos meus estudos, são eles: Alcemir, Cristiane, Francisco Alberto, Ítalo, Lenni, Macário, Monica, Neide, Sebastião, Severino, Tenner, Tiago e Yomarley. Excelentes profissionais que merecem todo respeito e reconhecimento por onde passam. Um carinho enorme por cada um dos senhores e senhoras.*

*A Escola Estadual Frei André da Costa em nome da gestora Rosângela por ter me recebido na Instituição, aos professores de História e todos os alunos do 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio que me acolheram bem e cederam um pouco do seu tempo e atenção para as entrevistas que foram fundamentais para chegar ao objetivo da pesquisa.*

*A todos vocês, o meu MUITO OBRIGADA!*

*É preciso ousar para dizer cientificamente que  
Estudamos  
Aprendemos,  
Ensinamos,  
conhecemos nosso corpo inteiro.*

*Com sentimentos,  
com as emoções,  
com os medos,  
com a paixão e também com a razão crítica.*

*Jamais com estas apenas.*

*É preciso ousar para jamais dicotomizar o  
cognitivo do emocional.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

CORDEIRO, Kettlen Cristiny Lemos Vieira. **Ensino Tradicional x Ensino Crítico: Desafios e Problemas Metodológicos do Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa**. 2017. – 75 f. Monografia acadêmica (Licenciatura em História) – Centro de Estudos Superiores de Tefé – UEA, Tefé, 2017.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a realidade do Ensino de História em Tefé, dando ênfase a uma escola, já que os problemas na área da educação só aumentam e o que foi feito é pouco para mudar a realidade que a cidade vem vivenciando ao longo do tempo. Por isso, ao delimitar o tema: “Ensino Tradicional x Ensino Crítico: Desafios e Problemas Metodológicos do Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa”, levou-se em consideração a necessidade de analisar qual o tipo de Ensino de História presente no cotidiano escolar, bem como verificar quais os desafios e os problemas metodológicos enfrentados por professores e alunos. Assim, a realização desta pesquisa tornou-se necessária exatamente pelos aspectos levantados anteriormente. Foram utilizados como métodos do estudo, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante e as técnicas de observação e entrevistas com os alunos para compreender suas perspectivas sobre o ensino de História ministrado na escola. Portanto, no decorrer do presente trabalho serão apresentadas algumas análises e reflexões sobre a temática em questão, no intuito de contribuir para um maior avanço na busca de melhorias que atendam as necessidades dos alunos durante as aulas de história da respectiva escola.

**Palavras chave:** Ensino de História. Ensino Tradicional. Ensino Crítico.

## ABSTRACT

**CORDEIRO, Kettlen Cristiny Lemos Vieira. I teach Traditional x Critical Teaching: Challenges and Methodological Problems of the Teaching of History in the School State Frei André of Costa. 2017. - 75 f. academic Monograph (Degree in History) - Center of Superior Studies of Tefé - UEA, Tefé, 2017.**

The present work has as objective analyzes the reality of the Teaching of History in Tefé, giving emphasis to a school, since the problems in the area of the education only increase and what was fact is a little to change the reality that the city is living along the time. Therefore, when delimiting the theme: I "teach Traditional x Critical Teaching: Challenges and Methodological Problems of the Teaching of History in the School State Frei André of Costa", it was taken into account the need to analyze which the type of Teaching of present History in the daily school, as well as to verify which the challenges and the methodological problems faced by teachers and students. Like this, the accomplishment of this research became necessary exactly for the lifted up aspects previously. They were used as methods of the study, the bibliographical research and the participant research and the observation techniques and interviews with the students to understand their perspectives on the teaching of History supplied at the school. Therefore, in elapsing of the present work some they will be presented analyses and reflections on the theme in subject, in the intention of contributing for a larger progress in the search of improvements that you/they assist the students' needs during the classes of history of the respective school.

Keywords: Teaching of History. Traditional teaching. Critical teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Faixada da Escola Atual .....	34
Figura 2 – Faixada da Escola anos 90 .....	35
Figura 3 e 4 – Aula da Regência Final na Turma de 2º Ano 01 .....	39

## LISTA DE ABREVIATURAS

CIA – Companhia

MONS - Monsenhor

Pe – Padre

Sr – Senhor

Sra – Senhora

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Principais características do Ensino Tradicional e Crítico.....	26
--	----

## LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFMM – Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I – O Ensino de História no Brasil: Trajetória, Desafios e Perspectivas</b> .....	<b>15</b>
1.1 O Ensino de História e suas transformações .....	15
1.2 A Escola dos Annales e a Nova Perspectiva Histórica .....	22
1.3 O desafio de romper com o ensino Tradicional e a perspectiva de edificar bases para a consolidação de um ensino Crítico .....	24
<b>CAPÍTULO II - O Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa</b> .....	<b>29</b>
2.1 Panorama Histórico Da Educação De Tefé .....	29
2.2 A Escola Estadual Frei André da Costa .....	32
2.3 Estágio Supervisionado: Primeiras Experiências em sala de aula .....	35
2.4 O Percurso da Pesquisa: Procedimentos Metodológicos .....	40
<b>CAPÍTULO III – O Desafio de Aprender História no Ensino Básico</b> .....	<b>43</b>
3.1 Metodologias mais comuns no processo de ensino e aprendizagem em História.....	43
3.2 O Ensino de História sob a perspectiva dos alunos do Ensino Médio .....	47
3.3 Refletindo o Ensino de História a partir das entrevistas com os alunos da Escola Estadual Frei André da Costa: Análise e Discussão.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>64</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>68</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a partir da perspectiva dos alunos o cotidiano do ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa, enfatizando os desafios e os problemas metodológicos que afetam o processo de ensino e aprendizagem na disciplina.

Assim, autores como: Circe Bittencourt (2004), Selva Guimarães (1993), Thais Nívia (1998), Elza Nadai (1993), entre tantos que também são referências na temática, através das suas pesquisas e publicações de livros e artigos têm contribuído significativamente para que as problemáticas no Ensino de História venham ser amenizadas e quem sabe solucionadas em alguns pontos. Com isso, é importante salientar que estudos como esses auxiliam na tentativa de mudar a realidade do cotidiano de História vivenciado por professores e estudantes. Todavia, sabe-se que as ações devem partir dos governos, promovendo melhoria na educação brasileira e proporcionando condições dignas para os profissionais desempenharem sua função.

Desse modo, diante das problemáticas existentes no Ensino de História observadas inicialmente no Estágio Supervisionado I e posteriormente no Estágio II e das constantes indagações que surgiram no decorrer desse processo, principalmente quando tive contato com os jovens do Ensino Médio que surgiu a necessidade para investigar o presente tema. Num contexto em que a educação brasileira passa por vários problemas estruturais, suas práticas pedagógicas necessitam ser repensadas e adaptadas em todos os aspectos, em especial no que diz respeito a metodologia utilizada pelos professores de História.

Todavia desenvolver um trabalho voltado para o Ensino de História exigiu a princípio um conhecimento prévio em relação à temática, pois, apesar de se tratar de um assunto em pauta em muitos trabalhos acadêmicos, artigos e revistas e por ser objeto de estudo de diversos autores renomados, não é um tema fácil de ser trabalhado, já que é complexo e requer um longo período de estudo para ser desenvolvido.

Dessa forma, para a realização e desenvolvimento do trabalho a metodologia empregada consistiu em um primeiro momento na pesquisa bibliográfica para a confecção do primeiro capítulo. Para elaborar os outros dois capítulos utilizou-se a pesquisa participante. Assim, após a realização do estágio

retornei a instituição para coletar os dados qualitativos necessários para o seu desenvolvimento. Além disso, foi adotada a técnica de observação e da entrevista para compreender melhor a visão dos alunos em relação ao ensino de História.

Sendo assim, a investigação na Escola Estadual Frei André contribuiu não somente para conhecer o ambiente escolar, no seu espaço físico, mas ajudou também a analisar a realidade vivida pelo corpo docente e discente a partir da ótica dos estudantes em relação ao cotidiano do Ensino de História.

É importante mencionar que durante cinco meses tive contato direto com o ambiente de aprendizagem da referida escola através da prática do Estágio Supervisionado II. Essa disciplina proporcionou um diagnóstico prévio em relação ao tema abordado nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), logo, essa experiência tornou-se de grande relevância, pois utilizou-se o relatório de estágio para servir de base para a elaboração dessa monografia.

Portanto, através da observação e das entrevistas realizadas com os alunos, tive dados suficientes para conhecer melhor o processo da educação no ensino e aprendizagem na disciplina de História em todas as turmas da escola, bem como para analisar todos os aspectos mencionados no decorrer desse trabalho e assim ter bases que fundamentassem a pesquisa realizada.

É importante frisar que esse trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro com o título – “*O Ensino de História no Brasil: Trajetória, Desafios e Perspectivas*”, o segundo – “*O Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa*” que analisa o desenvolvimento da educação no município de Tefé e o processo de formação da escola Frei André, além de outros tópicos importantes que ajudam a compreender a temática da pesquisa e o terceiro e último capítulo intitulado – “*O Desafio de Aprender História no Ensino Básico*” que enfatizará a figura do aluno, no intuito de expor a visão dos discentes do Ensino Médio da referida escola sobre o ensino de História.

## **CAPÍTULO I**

### **O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

É relevante iniciar o presente trabalho com um capítulo introdutório a respeito da trajetória do Ensino de História no Brasil, bem como os desafios enfrentados e as suas perspectivas para a consolidação do ensino crítico. Com isso, é importante ressaltar que a temática será abordada para que o leitor possa compreender e refletir sobre as constantes transformações que o ensino de História vem sofrendo nas escolas brasileiras.

Dessa forma, o ensino de História no Brasil ao longo dos tempos passou por diversas transformações, pois teve que adaptar-se ao contexto histórico de cada época vivenciada pelo país. Logo, essas mudanças vêm ocorrendo desde o período colonial até nos dias atuais.

#### **1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES**

Sabe-se que no período colonial a educação estava a encargo da Igreja, que disseminava as ideias religiosas com intuito de contribuir para a formação de uma moral católica. Em 1549, a principal ordem religiosa atuante era a Companhia de Jesus que ficou designada pela Coroa Portuguesa de cristianizar os indígenas e difundir entre eles os padrões de civilização ocidental cristã no “Novo Mundo”, termo usado pelos colonos para nomear as terras recém-descobertas.

Deste modo, os jesuítas liderados pelo Padre Manuel de Nóbrega fundaram as primeiras escolas e usavam os textos históricos com visões bíblicas para ensinar a ler e a escrever, diante disso, os conteúdos ensinados traziam apenas uma verdade histórica que nunca era contestada, exatamente por se tratar de uma história sacra.

Logo, a partir do que foi mencionado nos parágrafos anteriores pode-se concluir que a história ensinada nesse período era quase que unicamente de dois tipos: uma história bíblica e uma história hagiográfica, isto é, história de vida dos santos, pois a conversão dos indígenas à fé católica através da catequese e da instrução era tida como atividade prioritária para o êxito da colonização portuguesa.

Por isso, a Cia de Jesus iniciou os índios nas técnicas elementares da instrução e da educação religiosa, foram também os primeiros a exercer o ensino profissional no Brasil até a sua expulsão por Marquês de Pombal no ano de 1759 que resultou no desmantelamento da estrutura de ensino existente naquele período.

A partir desses aspectos é importante mencionar que a ação missionária no Brasil deixou suas contribuições nas atividades educacionais, já que foram os padres jesuítas os primeiros responsáveis pela implementação e consolidação da educação formal (escolarizada) na sociedade brasileira colonial. Entretanto destacam-se também a partir das ações desses missionários os pontos negativos, pois além dos indígenas terem sido obrigados a deixar de lado seus costumes e crenças para aderirem aos padrões culturais europeus em nome da fé cristã, a educação acabava sendo muito limitada já que a Igreja tinha um aspecto catequizador.

Com a expulsão dos jesuítas, surge uma nova fase vivenciada pelo ensino de História. Pois, o Estado passou a assumir os encargos da educação juntamente com a Igreja, onde ambos passaram a definir os currículos. Se por um lado se ensinava uma história religiosa que priorizava aspectos bíblicos, por outro se buscava a exaltação de Estado e visava à formação de súditos obedientes ao imperador. Para Fonseca "(...) à História atribuíam-se a função de formação moral das crianças e jovens, fosse pelos princípios cristãos e pela doutrina da religião católica, fosse pelo conhecimento de fatos notáveis do Império." (FONSECA, 1998, p.47).

Logo após a Independência do Brasil, em 07 de Setembro de 1822, o império passou a ter uma preocupação maior com relação à educação, por isso, elaborou uma história nacional que exaltava a nação e se espelhava nos moldes europeus, principalmente no pensamento liberal Francês, que predominava os estudos literários enfatizando o ensino clássico e humanístico, destinado à formação das elites.

Com a criação do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro em 1837, esses aspectos se intensificaram ainda mais, exatamente pelo simples fato de que o ensino de história passaria a ser obrigatório e destinado apenas aos que pertenciam às elites brasileiras. É em meio a esse contexto que vão aparecer os primeiros manuais escolares produzidos pelo professor Joaquim Manuel de Macedo, voltados para o ensino de História.

Assim, no ano de 1838, no primeiro regulamento do Colégio recém-fundado, determinou a inserção dos estudos históricos no currículo, a partir da sexta série. Como bem aponta Nadai:

Num primeiro momento ensinou-se a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira História da civilização. A história pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando um papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais do ginásio, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e batalhas. (NADAI, 1986, p. 146).

A citação acima indica bem o novo modelo de ensino de história que o Brasil nesse período adotou. Sua produção influenciou profundamente o ensino escolar. A história de exaltação da pátria brasileira se ligava à história europeia, então modelo de civilização. Em outras palavras, foi a partir da criação do Colégio Pedro II, que a História passou a ter presença obrigatória no currículo nacional. O foco se dava na formação da civilização ocidental e o estudo sobre o Brasil era apenas um de seus apêndices.

Em 1838, logo após a criação do Colégio modelo do Brasil, foi criado pelo Império o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, que estava sob a proteção direta do imperador D. Pedro II (1825-1891) e ficaria encarregado de escrever a história oficial do país inspirada no modelo europeu, com o objetivo de contribuir para a construção da identidade nacional com um caráter civilizacional. Os integrantes do IHGB defendiam a ideia de superioridade do branco, privilegiavam o Estado como o principal agente da História brasileira e enalteciam os heróis nacionais.

Vale ressaltar que esse modelo de História continuou sendo referência nos programas curriculares mesmo após a instauração da República. Porém, algumas escolas foram sistematicamente incluindo a história nacional em seus programas, pois naquele momento a construção da identidade do país tornou-se prioridade. Os conteúdos ensinados aos alunos exaltavam os grandes “heróis” da pátria e feitos políticos gloriosos.

Foi somente nas últimas décadas do século XIX, antes da instauração da República, que começou a surgir críticas à redução da História a uma classificação cronológica de dinastias ou a um catálogo de fatos notáveis dos dois Reinados, ou

seja, uma história que era voltada apenas a heróis, vencedores e datas, reforçando a visão linear, determinista e eurocêntrica.

Entretanto, nos primeiros anos após a instauração da República em 1889, poucas mudanças aconteceram em termos do quê e como ensinar história, o que ocorreu foi uma maior preocupação com o civismo. O Ensino de História continuava a ser influenciado pelas visões de quem estava no poder e a grande transformação foi que a história religiosa que havia predominado durante longo tempo nesse período perdeu seu espaço.

Nesse sentido, com a diminuição da influência política da Igreja, os temas que tinham como base as ideias bíblicas foram abolidos do currículo. O Estado agora sem a intervenção desta permaneceu como sendo o principal atuante no processo educacional no Brasil.

Diante disso, não se pode deixar de mencionar também que é no final do século XIX e início do século XX, que a História como ciência foi se consolidando enquanto disciplina e construindo metodologia sistematizada e específica. Logo, é perceptível que ao longo da história do Brasil, o ensino de História foi permeado por escolhas políticas, como será possível observar nos próximos parágrafos.

Assim, nas primeiras décadas do século XX surgem propostas alternativas ao modelo oficial com as escolas anarquistas que propõe um ensino de História voltado para os principais momentos de lutas sociais como a Comuna de Paris, a Abolição, dentre outras. Com isso, a educação anarquista no Brasil na Primeira República surge como um movimento libertário associado aos sindicatos em reação as ações de dominação e opressão das organizações institucionais dotadas de poder tais como Estado e Igreja.

Diante desse contexto, os anarquistas ganharam espaço no Brasil no final do século XIX e início do século XX, em especial no Estado de São Paulo, onde houve uma organização de trabalhadores que começaram a fazer reivindicações aos patrões e a lutar contra o capitalismo no intuito de produzir uma transformação radical na sociedade e assim abolir de vez o poder exercido pelas Instituições para só então alcançar a liberdade, através de uma comunidade mais igualitária e solidária, portanto, uma sociedade justa. Logo, a principal arma utilizada pelos anarquistas foi a greve geral que contribuiu para as pressões dos operários contra o empresariado como bem apresenta Boris Fausto em sua obra “História do Brasil”

Os anarcossindicalistas acreditavam que seu objetivo seria atingido com a derrubada da burguesia do poder, sem um longo período de transição posterior. Isso seria alcançado por meio de um grande ato: a greve geral revolucionária. O sindicato anarquista, dirigido por comissões que deveriam expressar a vontade dos sindicalizados e não a sua vontade própria, representava um esboço da sociedade que pretendiam restaurar. Uma sociedade sem Estado, sem desigualdade, organizada em uma federação livre de trabalhadores. (FAUSTO, 2013, p. 255).

Dessa forma, corroborando com as palavras do historiador é evidente que a greve geral foi o principal instrumento de combate às ações de opressão e dominação exercida sobre a classe trabalhadora. Por isso, dentre os movimentos grevistas que ocorreram no Brasil destaca-se a greve de 1917 em São Paulo, seu principal motivo foi à morte de um operário espanhol que faleceu durante uma manifestação.

Até esse momento já haviam sido criadas no Brasil várias escolas anarquistas com uma concepção de educação e escola contrária aos princípios do Estado e da Igreja, pois o projeto educativo proposto pelos anarquistas com base na pedagogia libertária tinha a meta principal de instruir e capacitar os oprimidos, tornando-os pessoas livres e justas, assim, apenas a partir desse modelo educacional é que se podia fazer avançar nas lutas contra o estado autoritário e dessa forma promover mudanças radicais na estrutura da sociedade.

Contudo, em 1920 essa proposta de modelo anarquista implantada em algumas escolas foi imediatamente reprimida e as escolas fechadas pelo governo republicano de Arthur Bernardes, alguns anos depois, na década de 1930 os movimentos anarquistas que continuaram foram contidos definitivamente após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

A partir da década de 1930 e 1940, através de uma política nacionalista e desenvolvimentista, o Estado incrementou reformas no sistema de ensino que contribuíram para a História se consolidar enquanto disciplina, é o que afirma Fonseca:

No entanto, foram as reformas do sistema de ensino nas décadas de 30 e 40 que promoveram a centralização das políticas educacionais e colocaram o ensino de História no centro das propostas de formação da unidade nacional, consolidando-a, definitivamente, como disciplina escolar. A partir desse momento, não mais deixaria de haver programas curriculares estruturados com definição de conteúdo, indicação de prioridades, orientação quanto aos procedimentos didáticos e indicação de livros e manuais. (FONSECA, 1998, p. 52).

É perceptível que nesse período o Estado passou a ter maior preocupação em definir o ensino de História como disciplina escolar e propor abordagens, metodologias e atividades diferenciadas. Tais transformações não tiveram avanço significativo, pois era comum nas salas de aulas o estudante recitar lições, decorar datas e nomes de personagens considerados mais importantes e ainda era tarefa do ensino de história criar nas novas gerações a consciência da responsabilidade diante dos maiores valores pátrios.

Mesmo com o passar dos anos o Estado ainda utilizaria o Ensino de História como instrumento para promover a sua legitimidade, pois continuava a fundamentar uma nacionalidade projetada para moldar um novo trabalhador e cidadão. Isso é muito bem exemplificado no “Estado Novo”, em que a carga horária da disciplina e a História geral e a História do Brasil que durante muito tempo andavam lado a lado nas salas de aulas, passaram a serem áreas distintas, sendo que esta última se tornou privilegiada. A ênfase foi dada às comemorações de heróis em grandes solenidades cívicas.

Mesmo após o fim da Era Vargas, em que houve algumas mudanças, como por exemplo, no ano de 1934, foi criado o primeiro curso superior de História, na USP, a disciplina de história nas escolas, no entanto, pouco se afastou dos modelos tradicionais que a norteava.

Com o golpe militar de 1964, aconteceram profundas mudanças no Brasil e conseqüentemente na educação, onde o ensino de história foi profundamente prejudicado, pois História e Geografia desapareceram das salas de aulas, já que havia um temor por parte do governo que o conhecimento mais profundo dessas áreas pudesse gerar reações revolucionárias.

Assim, da fusão dessas duas disciplinas foi criada a disciplina de Estudos Sociais que enfatizava o civismo resultando no empobrecimento dos conteúdos escolares. Os conteúdos de História e Geografia foram “esvaziados ou diluídos, ganhando contornos ideológicos de um ufanismo nacionalista destinado a justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantado no país a partir de 1964”. (PCNs, 2001, p.26)

É importante frisar o quão opressor foi esse período para a educação do nosso país, em especial destacar a repressão dos governos totalitários ao Ensino de História bem como das demais Ciências humanas, por seu teor crítico. Dessa forma, nas palavras de Fonseca: “O papel da educação assim como as metas para o setor,

estabelecidas pelo Estado Brasileiro a partir de 64, estiveram estritamente vinculados ao ideário de segurança nacional e de desenvolvimento econômico”. (FONSECA, 1993, p.19).

Nesse sentido a ideia apresentada por Fonseca nos remete que o golpe foi um ato justificado pelos militares para combater a “ameaça” dos comunistas, portanto, era preciso proteger o país desse “mal” e manter a ordem para garantir o desenvolvimento econômico do Brasil. Com isso, a intervenção do Estado na educação destacava-se como elemento importante para manter a política de dominação própria do governo militar. Então, esvaziar o teor crítico da disciplina era a garantia da segurança nacional, pois durante os vinte e um anos de ditadura as escolas e universidades se configuraram como aparelho ideológico do Estado visando os interesses do mesmo.

Após a História ser abolida do currículo escolar, no ano de 1976, o Ministério da Educação determinou que para lecionar essa nova disciplina necessitava que os professores fossem formados na área, fechando-se assim as portas para os graduados em História. No final dessa década, os profissionais das áreas de História e Geografia se mobilizaram para o fim da disciplina de Estudos Sociais essa mobilização surtiu efeito e com o fim do regime em 1985, as disciplinas voltaram a existir como independentes.

Assim, com o fim do regime militar, o Brasil passou por mais uma profunda transformação, logo, vivenciando um novo contexto histórico, o da redemocratização do país e sofrendo influência da corrente historiográfica do marxismo, teve início uma discussão acerca dos objetivos e das novas maneiras de se trabalhar a disciplina de história nas escolas.

Nesse sentido, diante desse novo contexto de redemocratização e das novas correntes historiográficas que começaram a disseminar seus pensamentos no Brasil, o ensino de história começou a ser foco de muitas discussões entre os teóricos da área e a receber diversas influências do Marxismo e também da própria Escola dos Annales, no caso desta última, o próximo tópico deste primeiro capítulo tratará da importância e das contribuições dos Annales para o Ensino de História.

Dessa forma, após esse processo de transformações que marcaram a trajetória da educação brasileira, no ano de 1998, o Governo Federal através do Ministério da Educação elaborou os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais –

PCNs, com a proposta de servir como base de orientações aos profissionais da educação em âmbito nacional, definindo os objetivos de cada disciplina.

Por isso, diante desse contexto de reformas educacionais brasileiras, a história passou a ter a função de formar cidadãos críticos e atuantes em seu meio social, assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais de História se configuram como elementos norteadores e formativos do ensino de história no Brasil.

Portanto, o Ensino de História no Brasil, por mais de um século priorizou a memorização mecânica de fatos, como bem aponta Bittencourt (2009), “Aprender História significava saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos”, isto é, um método de ensino totalmente voltado para a memorização, além desse aspecto apontado pela autora outras características marcaram o ensino nesse período, pois também se espelhava no modelo civilizatório europeu, exaltava “heróis” e feitos políticos, colocava o Estado como o principal agente histórico e ainda enaltecia a ideia de ser patriota.

Portanto, aprender História era uma tarefa difícil que exigia longas horas de estudos no intuito de decorar, principalmente, nomes e datas. Porém, é possível perceber, que nas duas últimas décadas do século XX, a influência de novas correntes historiográficas e o contexto político, cultural e econômico da época fizeram com que aos poucos, o paradigma positivista de ensino de História fosse questionado dando lugar a novas abordagens.

## **1.2 A ESCOLA DOS ANNALES E A NOVA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

A historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento da complexidade do passado, assim, os métodos de se escrever e pensar sobre História conquistaram grande avanço. Dessa forma, no início do século XX, os questionamentos com relação à historiografia baseada em instituições e história das elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, sem aprofundar grandes análises de estrutura e de conjuntura persistiram, com isso, era evidente a necessidade de tentar desconstruir as ideias positivistas.

Em meio a tantos questionamentos sobre a História, tanto no método de ensino como da maneira em que era ensinada, surge em 1929 na França uma

revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que em 1930 se tornariam símbolo de um novo movimento historiográfico conhecido como Escola dos Annales.

Na verdade, o movimento dos Annales surgiu com o intuito de romper com a visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. A proposta inicial foi propor novas metodologias e objetos de estudo para a História, ou seja, incorporar outros tipos de fontes para que estas ajudassem no trabalho do historiador. Como bem afirma o historiador Marc Bloch:

O nascimento dos Annales é portanto um assunto de geração intelectual e científica tanto quanto de poder. Trata-se de defender uma liberdade nova e de dar fim ao “velho ídolo da história política factual. (BLOCH *apud* TÉTART, 2000, p. 109).

A partir da citação acima é possível identificar que os fundadores da *Revista dos Annales* não pouparam críticas aos positivistas, pois exaltavam e valorizavam apenas o feito de grandes homens (reis, príncipes, chefes de Estado, ou seja, líderes políticos) dando relevância a fatos e datas, se tratava de uma História heroica que descartava as ações dos grupos sociais e as transformações de caráter econômico, construída a partir de documentos oficiais escritos.

Febvre e Bloch marcaram a historiografia apresentando ao mundo uma História que não se resumia apenas a um jogo de poder entre grandes homens e países, mas sim que através dessa nova metodologia os historiadores começassem a perceber e escrever a História de maneira diferente do que aquela baseada apenas em documentos oficiais. A citação abaixo ressalta a relevância da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa e de novos sujeitos.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. [...] Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos se estes não existirem. Com tudo o que a engenhosidade do historiador pode lhe permitir usar para fabricar seu mel. [...] Paisagens, telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cabrestos [...] (FEBVRE *apud* TÉTART, 2000, p. 112).

Logo, a criação da Escola dos Annales marcou profundamente a historiografia e um novo modo de olhar a História surge. A partir desse momento os horizontes de ação do historiador ampliavam-se, diante de fontes variadas, de origens diferentes, o papel do historiador não ficava restrito apenas nos documentos oficiais ele passou a

utilizar múltiplas fontes que o ajudavam a exprimir os diversos aspectos das manifestações humanas.

Parafrazeando tudo que foi descrito até o momento, se antes havia apenas um modo de relatar a História através dos documentos oficiais, a partir da criação da Escola dos Annales surgiu várias possibilidades de fontes que proporcionaram ao historiador ir a fundo às suas pesquisas, analisando, reinterpretando e buscando novas formas e novos métodos.

Com isso, diante do que foi exposto, é importante que seja mencionado que desde seu surgimento, essa corrente historiográfica passou por quatro fases e cada uma teve grandes nomes como seus representantes.

Assim, a primeira delas corresponde a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já por volta dos anos de 1950, é caracterizada pela direção e produção de Fernand Braudel. A partir da terceira geração a Escola dos Annales destacaram-se vários pesquisadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da Escola dos Annales é referente a um período que se inicia em 1989, neste momento há um desenvolvimento inegável da História Cultural e os grandes nomes que a representam foram, por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel.

### **1.3 O DESAFIO DE ROMPER COM O ENSINO TRADICIONAL E A PERSPECTIVA DE EDIFICAR BASES PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UM ENSINO CRÍTICO**

Desde a década de 1980 o Ensino de História nas escolas brasileiras vem sendo foco de muitos debates entre os teóricos da área, tanto no que diz respeito à prática docente e de seu currículo, como também pela necessidade de aprimoramento e aperfeiçoamento de materiais e recursos didáticos e, principalmente referentes à metodologia utilizada pelos professores em sala de aula, já que se tem a necessidade de se romper com o ensino tradicional e ir em busca de um ensino crítico.

Com relação ao Ensino Tradicional, sabe-se que este permeia na educação desde seu primórdio e é caracterizado pelo famoso “decoreba”, onde se há somente a reprodução do livro didático e uma história voltada apenas para heróis e datas.

Conforme afirma Fonseca (1998): “Nessa concepção os homens não aparecem como construtores da História; ela é conduzida pelos “grandes vultos”, cultuados e glorificados como os únicos sujeitos históricos”.

O professor que utiliza esse método está apenas preocupado em depositar conhecimento no aluno como se ele fosse um recipiente, conhecimento esse que vem a partir do livro didático utilizado como uma verdade pronta e acabada, ou seja, a aula se torna um espaço na qual não cabe discussões. Dessa forma, esse modelo de ensino recebe rígidas críticas do educador Paulo Freire que o chama de educação bancária<sup>1</sup>.

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar às determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo enquanto os educandos são meros objetos. (FREIRE, 1987, p. 66).

Sendo assim, essa educação bancária restrita à transferência de conteúdos e a não participação do educando na produção do conhecimento é um dos elementos responsáveis pela desmotivação e pela falta de interesse dos alunos em estudar os conteúdos da disciplina de História.

Em contraponto a essa questão, o próprio Paulo Freire elaborou outra concepção, a Educação Libertadora<sup>2</sup> que tem como foco central o combate à dominação e a opressão. Nesse contexto a educação ganha um caráter libertador diferentemente da Educação Bancária que tem um caráter domesticador. Logo, por meio da concepção proposta por Freire o individuo seria capaz de se libertar das situações de opressão através da libertação da sua própria consciência tornando-o um sujeito crítico e reflexivo capaz de mudar a realidade que vive.

---

<sup>1</sup> Educação Bancária é um conceito utilizado pelo Educador Paulo Freire em seu livro “Pedagogia do Oprimido” onde faz rígidas críticas à esse modelo de ensino onde o conhecimento é apenas transmitido para o educando e este deve absorver as informações sem fazer nenhum questionamento, o que o reduz à mero espectador, porque não é capaz de exercer atividades básicas de participação e diálogo.

<sup>2</sup> Educação Libertadora é uma concepção Freiriana que diferentemente da Educação Bancária, tem caráter libertador, onde Paulo Freire acreditava que a mesma proporcionaria ao homem se libertar de todas as situações de opressão vividas por ele.

A educação libertadora, ao contrário questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando uma transformação – daí ser uma educação crítica. (FREIRE, 1976, apud, Luckesi, 1994:64).

Dessa forma, a aprendizagem nessa concepção está intimamente vinculada a chamada educação problematizadora, centrada no processo de compreensão, reflexão, levando a consciência crítica de professores e alunos. No entanto, fatores como esses na maioria das vezes não são levados em conta, exatamente por conta do método tradicional fazer parte do cotidiano da maior parte das escolas brasileiras o que dificulta trabalhar aspectos como esses.

Para sintetizar o conteúdo que vem sendo abordado nesse tópico foi elaborada uma pequena tabela com as diferenças entre o Ensino Tradicional e o Crítico para ajudar no melhor entendimento do leitor. Como bem demonstra a tabela com a descrição de ambas as concepções.

**Tabela 1:** Principais características do Ensino Tradicional e Crítico.

<b>ENSINO TRADICIONAL</b>	<b>ENSINO CRÍTICO</b>
O professor é o centro do processo de ensino e aprendizagem.	O aluno é o centro do processo educativo.
O professor é o detentor do saber.	O professor é o mediador do conhecimento, aquele que irá colaborar com o educando na construção do conhecimento.
O professor ensina e o aluno aprende.	O aluno é estimulado a levantar hipóteses.
Reprodução do Livro Didático.	Utilização de outros tipos de fontes.
Há um programa a ser necessariamente cumprido	O programa depende do processo ensino e aprendizagem.

**Fonte:** Elaboração da autora.

Essas são apenas algumas das principais características desses dois modelos de ensino, observe que enquanto no Ensino Tradicional a figura central é o professor com todos os seus atributos de detentor do saber, autoritário e inquestionável, que não proporciona aos seus alunos uma aula interativa e participativa, no Ensino Crítico todas essas descrições desaparecem, pois nesse modelo o educando se torna o centro do processo educativo e os professores mediadores do conhecimento, aqueles que apenas mostram caminhos para que o aluno por si só construa o conhecimento e de forma crítica possa refletir sobre o que está estudando.

Sendo assim, faz-se necessário que se desconstrua esse método tradicionalista de se ensinar História e se edifique bases para a consolidação do ensino crítico. Essa perspectiva crítica diferentemente da tradicional é caracterizada pela reflexão e problematização dos assuntos discutidos em sala, não se tem mais apenas os livros didáticos como fonte, pois há uma multiplicidade de documentos a serem lidos, a história não atribui apenas importância a heróis e datas, mas sim a uma construção de uma história de baixo para cima, das classes dominadas, uma história de vários sujeitos e preocupada com os acontecimentos em si e não apenas com as datas quando os mesmos ocorreram.

Mas para que isso realmente aconteça o interesse inicial deve partir não somente do professor, mas também dos alunos, pois é de grande relevância que ambos trabalhem juntos, ou seja, a relação professor/aluno é um dos fatores fundamentais nessa tentativa de se romper com esse ensino tradicional dentro da História.

Entretanto isso não é uma tarefa fácil de ser realizada, pois a preocupação de muitos dos educadores espalhados por esse vasto território ainda continua sendo apenas depositar conhecimento no aluno, porém, não se pode culpar apenas os professores como os principais responsáveis pela decadência que a educação se encontra no país, eles são apenas vítimas desse sistema que defende que a educação é primordial e é direito de qualquer cidadão, mas que na prática prefere a desvalorização e humilhação desses profissionais da educação.

Cotidianamente é visto o quanto a educação é desvalorizada no Brasil juntamente com a profissão docente, assim, é perceptível a desmotivação dos professores, que todos os dias vivenciam cargas horárias exaustivas de trabalho, baixos salários, falta de estrutura nas escolas, ausência de materiais e recursos para

ministrarem suas aulas, além da falta de interesse e respeito dos alunos, pais e sociedade que insistem em transferir algumas de suas responsabilidades para o professor e a escola.

O professor trabalha sufocado e sob pressão e isso reflete drasticamente nas suas práticas pedagógicas, por isso não se pode criticar apenas o professor sem ao menos mencionar os fatores negativos que podem contribuir para que esse quadro no processo de ensino e aprendizagem permaneça. Sem dúvidas, o professor precisa de condições dignas para de fato poder exercer seu papel e ser valorizado e respeitado como tem que ser.

Entretanto, é relevante mencionar que esses aspectos não serão aprofundados no decorrer desse trabalho, pois o objetivo geral da pesquisa é analisar o ensino de história na escola Frei André a partir da visão dos alunos, mas precisou que fossem citados porque isso é a realidade que os professores vivenciam nas escolas e que de fato é uma das problemáticas que interferem no processo de ensino e aprendizagem em qualquer disciplina.

## CAPÍTULO II

### O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL FREI ANDRÉ DA COSTA

O presente capítulo trará informações sobre parte da pesquisa realizada na instituição, abordando questões como o desenvolvimento da educação no município de Tefé, histórico da escola, bem como, a experiência proporcionada pelo Estágio Supervisionado e os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver o trabalho.

#### 2.1 PANORAMA HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE TEFÉ

Por um longo tempo Tefé<sup>3</sup> se constituiu como um importante centro em educação de qualidade e esse argumento será melhor reforçado nos próximos parágrafos. Há relatos de que em 1845 o vigário de Nogueira, Padre Luiz Gonçalves criou uma escola em Tefé para as crianças, no entanto por falta de tempo para cuidar da mesma entregou para um de seus aprendizes, Agostinho Fialho e no ano de 1869, a Sra. Trifônia de Carvalho criou uma escola para meninas.

Nos anos que se seguiram vários nomes importantes ficaram à frente dessas escolas, entre eles o Capitão Bernardo Batalha, Silvina Pereira, Sr. Serapião Rodrigues de Oliveira, Maria Contreiras dentre outros. É importante ressaltar que Antonio Monteiro de Souza foi quem organizou a primeira escola mista.

Em 1889, o Conde Deu, esposo da princesa Isabel, esteve em Tefé a serviço do Império. Aproveitou e visitou a escola que tinha como professor o Superintendente Capitão Bernardo Batalha, este ficou muito contente com os ensinamentos ali transmitidos e solicitou ao Superintendente que lhe pusesse o nome de Escola Princesa Isabel, em homenagem à filha do Imperador.

No dia 10 de julho de 1897 chegaram a Tefé os missionários espíritanos liderados pelo Pe. Xavier Libermann, que construíram na Missão da Boca de Tefé, o seu primeiro educandário. Havia aulas de Português, Matemática, Ciências e outras matérias, todavia, a escola era para meninos.

---

<sup>3</sup> Tefé, município pertencente ao Estado do Amazonas, localizado no médio Solimões e com uma população estimada pelo censo do IBGE de 2015 em 65.444 habitantes. A área em que hoje pertence ao atual município de Tefé era nos primórdios habitada pelos índios das tribos Tupebas ou Tapibas. Logo, o nome Tefé, origina-se destas tribos.

Para acolher as crianças do interior, foi inaugurada, a 2 de fevereiro de 1898, a “Escola Agrícola e Indústria da Boca de Tefé, que em poucos anos, tornou-se famosa em todo o Amazonas. De início, os padres instalaram oficinas de sapateiro, alfaiate, serralheiro, encanador, tipógrafo, além de aprendizes de profissões, tais como: pedreiro, oleiro e outras [...] O jovem ao completar 18 anos, deixava o internato, apto a enfrentar a vida, pois era detentor de uma profissão industrial. (SCHAEKEN, 1997, p. 26-27)

Entretanto, afirma-se que a educação formal do município teve início no ano de 1910 quando Monsenhor Miguel Alfredo Barrat foi nomeado o primeiro Prefeito Apostólico e passou a dirigir a Missão dos Espiritanos. A partir da construção do Seminário São José iniciou as atividades educacionais no município. Por isso, este Seminário serviu como ambiente para a formação religiosa e também educacional dos jovens, não somente de Tefé, mas de toda a região do médio e alto Solimões, tornando-se referência.

No Seminário São José as atividades educacionais eram de responsabilidade dos religiosos e o Externato cuidava apenas da educação dos meninos. “O seu funcionamento foi num grande salão da Prefeitura Apostólica. De início os alunos pagavam 5 mil réis por mês e, em 1923, passou a ser gratuita” (SCHAEKEN, 1997, p. 37).

Assim, depois de fundada a escola para meninos, a preocupação de Mons. Barrat voltou-se para a educação das meninas e no dia 12 de julho de 1925 chegaram em Tefé as primeiras religiosas para a Prefeitura Apostólica. As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria foram as pioneiras da educação no município, como bem coloca a autora:

É dito por todos que a chegada das Irmãs FMM foi considerada um grande benefício para a cidade, principalmente em relação as moças que receberam orientação religiosa, orientação para os trabalhos domésticos (costura e bordado) e formação profissional. (SCHAEKEN, 2015, p. 26).

Dessa forma, depois da chegada da Congregação em Tefé era preciso que se construísse um local para que as irmãs comessem suas atividades, assim, desde o início, Mons. Barrat construiu a escola e cuidou de sua regularização junto a Secretaria de Educação do Amazonas. Naquele tempo a educação primária era de três anos. “A escola sempre seguiu o programa oficial do Estado e era gratuita”.

(SCHAEKEN, 2015, p. 26). Sendo assim, em 16 de janeiro de 1926, com a presença das autoridades e de Mons. Barrat foi inaugurado o Colégio Santa Teresa<sup>4</sup>.

Dois dias após a inauguração, dia 18 de janeiro, iniciaram-se as primeiras atividades escolares com um total de 72 alunas, divididas em três salas, de acordo com os acontecimentos de cada uma e exigências do programa oficial. As matérias eram Português, Aritmética, Geografia, História Natural e História do Brasil. As irmãs acrescentaram a Catequese, Cantos, Trabalhos manuais, por vezes teatro nas festas, para despertar as aptidões das meninas, capacitando-as para um futuro melhor. Naquela época Tefé era uma cidade com poucos habitantes. (SCHAEKEN, 2015, p. 26).

Já no primeiro ano de atividades o Internato e o Externato atingiram o número de 101 alunas. No final do primeiro ano letivo o resultado foi satisfatório, pois não só crescia o número de alunas, como também, as matérias ensinadas, entre as quais o Latim e o Francês.

É notável o papel importante que a Congregação das Irmãs FMM tiveram na educação de Tefé, principalmente no que diz respeito a educação das moças já que o ensino naquela época era restrito apenas aos homens que estudavam no Seminário São José. É o que ressalta Schaecken em sua obra “FMM Vida e Missão Neste Chão 90 Anos”

Com a chegada das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, surgiu para Tefé a esperança de um futuro promissor: Educação fundamental para crianças e jovens do sexo feminino, já que havia uma escola primária e cursos profissionais somente para rapazes. Pouquíssimas meninas frequentavam esta escola. (SCHAEKEN, 2015, p. 7).

Outro marco importante na história da educação de Tefé aconteceu no ano de 1939, quando o prédio da Superintendência foi desativado e transformou-se no primeiro grupo escolar, era a Escola Eduardo Ribeiro. Posteriormente surgiram outras escolas como: Frei André da Costa, São José, Antídio Borges Façanha, Corinto, Madre Maria das Mercês, Deputado Armando de Souza Mendes (GM3) entre outras. Vale ressaltar que atualmente a rede escolar fica a encargo do Estado e Município, sendo assim administradas pela SEDUC e Prefeitura Municipal de Tefé.

Portanto, mostrou-se o panorama histórico sobre a evolução da educação em Tefé, apresentando a importância que adquiriu ao longo dos anos e assim durante

---

<sup>4</sup> **Colégio Santa Teresa** primeira escola de Tefé. Recebeu essa denominação em homenagem a Padroeira do município, hoje em dia essa instituição de ensino chama-se Escola Estadual Santa Teresa.

muito tempo destacou-se e passou a ser referência de ensino na região do Alto e Médio Solimões, graças aos esforços de pessoas preocupadas em disponibilizar aos habitantes desse município uma educação que contribuísse para a sua formação intelectual.

## **2.2 A ESCOLA ESTADUAL FREI ANDRÉ DA COSTA**

É importante deixar claro quais motivos levaram a escolha da presente instituição de ensino para ser o recorte representativo do universo da pesquisa bem como, expor ao leitor algumas informações a respeito da escola. Logo, para a seleção da Escola Estadual Frei André da Costa<sup>5</sup>, levou em consideração a importância que esta representa no âmbito educacional de Tefé, exatamente pelo fato de ser uma das escolas mais antigas da região do médio Solimões.

Além disso, outro fator que contribuiu para a preferência dessa Instituição dentre as inúmeras existentes em Tefé, foi o fato de ter realizado o Estágio Supervisionado II nessa escola. Durante cinco meses tive contato direto com o ambiente de aprendizagem do turno matutino através de observações do cotidiano escolar e das aulas ministradas.

Assim, pude verificar de perto o cotidiano do processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História o que proporcionou um diagnóstico prévio em relação ao tema em questão. Portanto, tais fatores acima mencionados contribuíram para a escolha da Escola Estadual Frei André da Costa como foco da pesquisa realizada.

Desse modo, a Escola Estadual Frei André da Costa foi instituída no ano de 1948, pelas irmãs Franciscanas Missionárias de Maria - IFMM, que atuavam no campo missionário e educacional da região do Rio Solimões. No ato de sua criação, recebeu o nome de Escola Rural Santa Teresa, pois a mesma objetivava a formação de professores rurais. Em 1957 passou a chamar-se “Escola Normal Regional Santa Teresa” e a partir de 1963, “Ginásio Normal Santa Teresa”.

A escola ainda recebeu outras denominações como: “Colégio Santa Tereza” em 1969, que funcionava em sistema misto em convênio com a Secretária da

---

<sup>5</sup> Escola fundada em 1948 pela Congregação das IFMM e que leva o nome do fundador do município, o missionário português Frei André da Costa – Histórico da Escola.

Educação e Cultura. Porém, por falta de professores qualificados foi impossível iniciar o Curso Colegial Pedagógico no ano previsto.

No ano seguinte, em 28 de outubro de 1970, foi firmado outro convênio com a Secretaria da Educação e Cultura pelo qual foi criado o “Colégio Estadual de Tefé” e o prédio passaria a ser cedido ao Estado, ficando sob a administração e orientação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Contudo em 1972 a escola recebeu a denominação oficial de: “Escola de 1º e 2º Grau de Tefé<sup>6</sup>”.

E em dezembro de 1981, o nome da Escola de 1º e 2º Graus de Tefé foi mudado mais uma vez para “Escola de 1º e 2º Graus Frei André da Costa”, em homenagem ao fundador da cidade. E por fim, no ano de 1989 a Escola recebeu definitivamente o nome de “Escola Estadual Frei André da Costa”.

Diante do exposto fica evidente que a escola durante a sua trajetória histórica se tornou uma instituição de ensino importante e respeitada dentro do município, pois ao lado do “Colégio Santa Teresa” foi uma das primeiras escolas de Tefé, assim, de início priorizou a formação de professores rurais, mas conforme o seu desenvolvimento a mesma passou a funcionar em sistema misto e tornou-se bem conceituada em sua comunidade, na cidade e até mesmo fora do município.

Atualmente atende 1.300 alunos, distribuídos em turmas do 1ª ao 3º do Ensino Médio Regular, nos turnos matutino, vespertino e noturno, logo, atende uma clientela pertencente a diversas camadas sociais e oriundas praticamente de todos os bairros, também conta com um corpo docente formado por 21 professores sendo dois de História, na qual pude acompanhá-los em suas atividades pedagógicas durante o Estágio Supervisionado e assim verificar de perto o cotidiano do ensino de História nas turmas que lecionavam.

De tal modo, observou durante o estágio realizado na instituição que a comunidade na qual a escola Frei André está inserida sempre foi oriunda de diversas classes sociais por conta da sua localização no centro da cidade, assim na sua clientela sempre houve uma mescla de alunos entre filhos de comerciantes, bancários, funcionários públicos, filhos de motoqueiros, pescadores, feirantes, agricultores e autônomos, possuindo assim uma clientela bastante heterogênea.

---

<sup>6</sup> Recebeu essa denominação por meio do Decreto nº 4870 de 24/03/80 – Histórico da Escola

Nesse sentido, diante das figuras abaixo é perceptível que a respectiva Instituição de ensino criada na metade do século XX, permaneceu por várias décadas como sendo a escola modelo do município, passando por diversas transformações tanto na sua infraestrutura como na administração, todavia, desde o ato da sua criação até os dias atuais esta continua situada no mesmo endereço como bem mostram as imagens.

**FIGURA 1:** Faixada da Escola Atual



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora, 2016.

**FIGURA 2:** Faixada da Escola Anos 90



**Fonte:** Imagem digitalizada da obra “História da Missão de Santa Teresa D’Ávila dos Tupebas”. (PESSOA, 2004, p. 148)

Portanto, a partir do histórico cedido pela própria escola para o desenvolvimento desse trabalho é notável que a Escola Frei André desde sua criação passou por várias mudanças tanto no que diz respeito à administração da instituição como do seu nome. No ato de sua criação em 1948 e durante muito tempo a escola ainda estava sob o encargo da Congregação das “IFMM”, no entanto, a partir de 1980 a SEDUC foi quem passou administrá-la.

### **2.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA**

Este tópico tem como propósito mostrar as contribuições que o estágio do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas trouxe para minha formação acadêmica e profissional, e também com base na experiência vivenciada expor aspectos do cotidiano de História na escola onde o estágio foi desenvolvido.

Dessa forma, ao iniciar um curso de licenciatura o acadêmico muitas vezes depara-se com a incerteza e o medo de não desempenhar um bom trabalho em sala

de aula. Alguns receiam não conseguir conter a classe, outros se preocupam em não saber todo o conteúdo que julgam necessário, uns inquietam-se quanto ao tipo de metodologia e recursos didáticos que adotarão e outros, ainda, temem por ministrar aulas. É exatamente em meio a essas inseguranças e questionamentos que o aluno enquanto estagiário convive durante a prática do Estágio Supervisionado

Todavia, com o passar do tempo, esses acadêmicos passam por uma transformação desses sentimentos e começam a se ver enquanto futuros professores. O que antes estava sendo um problema, a partir das conversas e relatos dos colegas e das leituras e discussões dos textos em sala de aula, já se pode perceber a preocupação que cada licenciando tem em relação à educação vivenciada pelas escolas de ensino básico, principalmente as públicas que fazem parte da nossa realidade educacional.

Sendo assim, é exatamente nesses momentos de conversa que os acadêmicos expõem suas ideias e trazem o cotidiano das escolas para as universidades, fazendo com que se possa conhecer a realidade da escola e, conseqüentemente da educação.

Nesse sentido, vale lembrar que o Estágio de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96) que tem como finalidade qualificar o acadêmico para atuar em sua futura profissão, visando o contato direto com a escola, com os alunos, bem como a comunidade que está inserida, conforme mostra a citação abaixo:

É portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete. (ANDRADE, 2005, p. 2)

Corroborando com essa ideia, Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que “a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”. Pimenta (1995) ainda reforça a ideia de que “os estagiários precisam entender que a teoria e prática são inseparáveis”, logo, o Estágio Supervisionado contribuirá para a formação do educador, na medida em que permite a aplicação de

conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo do curso de graduação, promovendo a articulação entre teoria e prática.

Dessa forma, a prática da disciplina de Estágio Supervisionado II corresponde às séries do Ensino Médio onde existem três etapas a serem seguidas: observação, participação e regências, cada uma com carga horária específica a serem cumpridas, tudo isso com base nas normas de Estágio estabelecidas pela instituição de Ensino Superior Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Diante disso, o acesso a Escola Estadual Frei André da Costa aconteceu no dia 15 de Março de 2016, no qual tive o primeiro contato com o ambiente escolar e se estendeu até o mês de Julho. Nesse período foram analisados o meio social, econômico, cultural e o ambiente humano e de aprendizagem da referida escola. Logo, foi possível observar o cotidiano vivenciado por professores e alunos dentro de sala de aula e principalmente os problemas e desafios enfrentados por ambos, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da disciplina de História.

Na primeira etapa realizou as atividades de observação, onde foi analisado o contexto escolar no que diz respeito à infraestrutura da escola em seu aspecto físico para verificar se o ambiente era favorável para o desenvolvimento da aprendizagem. Assim, constatou-se que a escola possuía um amplo espaço, todavia, o prédio é antigo, sua última reforma aconteceu nos anos 2000, as salas possuíam dois ar-condicionado cada uma, mas, muitos não funcionavam o que deixava o clima quente e os alunos inquietos. Esse era um dos aspectos negativos que dificultava o processo de ensino e aprendizagem nas turmas e atrapalhava os professores durante as aulas.

Para além desse fator, também foi observado outro aspecto importante, o ambiente de aprendizagem, ou seja, quais as formas aconteciam as aulas de História nas turmas e o relacionamento professor-aluno. Desse modo, foram verificados alguns problemas metodológicos que afetavam diretamente o ensino da disciplina em todas as séries, entre as dificuldades encontradas destacam-se duas que estiveram presentes em todas as turmas da escola: a metodologia utilizada por um dos docentes e a falta de interesse da maior parte dos discentes em relação a disciplina.

De tal modo, é importante mencionar que a partir desse momento surgiram algumas inquietações e questionamentos que cresceram ao longo do estágio e fizeram com que essas preocupações com relação aos problemas metodológicos

verificados no cotidiano da disciplina de História na escola tornasse o objeto de pesquisa desse trabalho.

Sendo assim, posteriormente a essa fase de observação, na etapa seguinte aconteceram às atividades de participação no ensino, logo, a partir desse momento tive contato direto com o corpo discente, verificando quais eram as suas dificuldades nas aulas de História, para, além disso, os problemas metodológicos enfrentados por professores e alunos da Escola Frei André da Costa.

Durante a participação foi evidente que as maiores dificuldades dos alunos eram em relação a leitura, interpretação, na escrita, apresentação de seminários e ainda na realização de atividades do livro. Muitos ainda não tinham uma leitura no nível de Ensino Médio, era baixa, não respeitavam as pontuações, o mesmo acontecia na escrita, muitos erros ortográficos, excesso de pontuação ou a falta dela em lugares corretos. Havia ainda a dificuldade nas apresentações de seminários, a maior parte dos estudantes não tinha postura e então levavam a exposição da temática em forma de brincadeira, faltando com respeito com o seu professor e os demais colegas.

Ainda que fossem visíveis tais questões os professores compreendiam como se fosse algo normal, pois não trabalhavam esses aspectos para melhorar o nível de aprendizagem de seus alunos, apenas um dos docentes diversificava nas metodologias em sala para melhorar suas aulas, no entanto, ainda era notável as dificuldades dos estudantes, que já traziam essas dificuldades de séries anteriores.

O Estágio encerra com as regências e essa etapa proporciona ao acadêmico colocar em prática tudo o que durante as aulas teóricas na universidade aprendeu. De tal modo, foi um ponto primordial para a minha constituição como futura educadora, pois teve uma carga de experiências maior, já que o momento oferece ao estagiário sentir-se pela primeira vez como professor.

Assim, diante de todas as regências ministradas no 1º, 2º e 3º Ano e principalmente durante a regência final, adotei a postura de professora e apliquei os conhecimentos adquiridos no campo teórico. Como mostra a imagem na próxima página, fotografada durante a aula da regência final em que abordou a “A Escravidão Africana no Brasil Colonial”, para isso, no intuito de atrair a atenção dos alunos e possibilitar uma construção do conhecimento a respeito da temática foi utilizado recursos didáticos diferenciados como: mapa da rota do Tráfico Negreiro (Séculos XVI – XIX), cartazes sobre as ferramentas de torturas e as formas que

eram utilizadas e dos índices sobre a população negra no Brasil, produção textual, conceitos, música “Racismo é Burrice” do Gabriel O Pensador e vídeos.

**FIGURA 3 E 4:** Aula da Regência Final na Turma de 2º Ano 01



**Fonte:** Arquivo Pessoal da autora, 2016.

Nesse contexto, essa experiência proporciona ao estagiário um momento único em sua trajetória acadêmica. Assim, o estágio apresenta diversas sensações, umas positivas que os auxiliam na descoberta da maestria no ato de educar e fazem com que muitos se vejam no futuro lecionando e outras negativas fazendo com que o acadêmico perca o empenho pela prática docente e passe a rotular o estágio como sendo uma cansativa obrigatoriedade de se cumprir uma carga horária apenas para a aquisição do diploma, pois para muitos o discurso e a teoria estudada na universidade não convém com a realidade vivenciada nas escolas.

Portanto, o estágio proporcionou compreender a educação de um olhar mais complexo, contribuiu também para entender a realidade não somente da escola, mas também o comportamento daqueles que a compõem, tais como alunos, professores e funcionários em geral.

## 2.4 O PERCURSO DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho surgiu das constantes indagações que fiz sobre o Ensino de História ainda durante o Estágio Supervisionado I onde trabalhei nas séries de Ensino Fundamental na Escola Estadual São José e esses questionamentos ganharam força maior no estágio seguinte realizado na Escola Estadual Frei André da Costa.

Partindo das minhas experiências de estágios, especialmente do Estágio Supervisionado II na qual trabalhei com alunos do Ensino Médio e através da investigação feita na instituição, busquei desenvolver e aprofundar o tema “*Ensino Tradicional x Ensino Crítico: Desafios e Problemas Metodológicos do Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa*” na tentativa de apresentar soluções que deem maior avanço na busca de melhores condições para atender as necessidades de alunos e professores dentro do Ensino de História. Assim, foi foco do presente estudo os alunos, pois seria interessante verificar quais suas ideias e perspectiva em relação ao Ensino de História que era ministrado na escola.

Nesse sentido utilizou-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa participante como métodos para o desenvolvimento desse trabalho, a primeira foi empregada para elaborar o primeiro capítulo e consiste numa fundamentação teórica sobre o tema, já a segunda serviu de base para o segundo e terceiro capítulos, pois como o próprio nome sugere é onde acontece o envolvimento direto entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Dentro dessa ótica, para caracterizar essas questões Fonseca afirma que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32)

Assim, com base nessas características ressaltadas na citação, que o primeiro capítulo está estruturado, pois aborda questões teóricas e discussões dos autores sobre a temática. Em relação a pesquisa participante a mesma autora afirma o seguinte:

A pesquisa participante foi criada por Bronislaw Malinowski: para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, ele foi se tornar um deles. Rompendo com a sociedade ocidental, montava sua tenda nas aldeias que desejava estudar, aprendia suas línguas e observava sua vida cotidiana (FONSECA, 2002).

Em conformidade com a autora, Gil (1991) aponta que “a pesquisa participante, assim como a pesquisa ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”, desse modo, o fator primordial dessa abordagem é que os sujeitos pesquisados não são passivos e também participam desse processo.

Nesse contexto, para fazer um diagnóstico e obter informações necessárias para a análise de resultados sobre as concepções que os alunos possuíam a respeito da disciplina de História na presente escola adotou-se a observação e a entrevista semiestruturada como técnicas para coleta de dados.

Assim, com o objetivo de compreender o processo de ensino e aprendizagem e entender a realidade do dia-a-dia vivido por professores e alunos foi utilizada a técnica de observação como auxílio para analisar e identificar os desafios e problemas metodológicos. Sobre a técnica empregada para coletar dados Ludke e André fazem a seguinte afirmação:

Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito entre o pesquisador e fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. A experiência direta é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. (Ludke, André, 2001, p. 26).

Corroborando com as palavras dos autores, a observação é uma técnica que permite ao pesquisador ter contato direto com o objeto a ser pesquisado, logo, verifica de perto tal realidade permitindo ao pesquisador chegar a um resultado preciso dos fatos analisados.

Desse modo, além das observações feitas no Estágio Supervisionado, outra metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa monografia foi a técnica da entrevista com o intuito de obter as informações necessárias, assim, sobre essa técnica de pesquisa, o autor Gil (1999, p. 117) conceitua como sendo “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Nesse contexto, as entrevistas assumem um papel fundamental no

desenvolvimento de qualquer pesquisa, pois é uma forma utilizada pelos pesquisadores para a coleta de dados. Com isso, Ribeiro (2008, p. 141) afirma:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Corroborando com as palavras da autora, é notável que a entrevista é uma técnica eficiente e que possibilita ao entrevistador obter informações valiosas para explicar alguns elementos específicos do seu objeto de pesquisa a partir da fala dos entrevistados. Por isso, segundo Gil (1999), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais.

Desse modo, foi por meio desses fatores que se utilizou a entrevista do tipo semiestruturada (APÊNDICE B) como a técnica a ser aplicada para a coleta de dados da pesquisa. Foram elaboradas 5 perguntas sobre o Ensino de História no intuito de extrair da fala dos entrevistados sua visão a respeito da temática abordada no trabalho.

Quanto aos sujeitos investigados foram 20 adolescentes na faixa etária de 14 à 18 anos pertencentes as séries de 1º, 2º e 3º Ano da escola Frei André. Para isso, todas as entrevistas foram realizadas no contra turno e na biblioteca, conforme disponibilidade dos alunos e com a autorização da direção da escola para a utilização do espaço.

É importante deixar claro que a identidade dos alunos foi mantida oculta, apenas citou-se a série e turma na qual o aluno pertencia. Em relação aos professores mencionados foi empregada a nomeação: Professor “A” e professor “B” para não expor seus verdadeiros nomes.

## **CAPÍTULO III**

### **O DESAFIO DE APRENDER HISTÓRIA NO ENSINO BÁSICO**

Foi visto que até o momento que o Ensino de História vem sendo foco de grandes discussões entre os estudiosos, inúmeras foram as transformações que este sofreu ao longo das décadas, assim, entre tantos desafios e problemas a serem rompidos, um em especial ainda persiste com força total nas escolas, o desafio de ensinar e aprender História.

Eis então um grande desafio para professores e alunos visto que sempre haverá um embate a respeito do método “ideal” para ministrar uma boa aula de História, qual tipo de metodologia utilizar em sala, como abordar cada conteúdo para que o aluno não apenas o assimile e decore até o dia da avaliação e depois caia no seu esquecimento, mas para que ele reflita a respeito do mesmo, possa interpretar sozinho e na sua mente confrontar diferentes versões históricas, ou seja, levar o aluno ao pensamento crítico, fazendo com que este se torne agente no processo histórico.

Dessa forma, serão questões como essas que o presente capítulo abordará, enfatizando a figura dos alunos, ressaltando a importância de se estudar História, quais as metodologias mais utilizadas pelos docentes, em especial a visão dos alunos do Ensino Médio da escola Frei André a respeito da disciplina de História.

#### **3.1 METODOLOGIAS MAIS COMUNS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA**

Após 1980, em meio aquele processo de redemocratização do Brasil e com a chegada das ideias de novas correntes historiográficas vindas da Europa, como o movimento dos Annales, é que de fato houve uma maior preocupação com o ensino de história no país, principalmente na maneira de ensinar e aprender a disciplina nas escolas, pois como já foi verificado no decorrer desse trabalho, o método tradicional de ensino sempre esteve presente, por isso necessitava o aperfeiçoamento das práticas metodológicas em História.

Dessa forma, o método em que o professor é visto como o detentor do saber relegando o aluno apenas a postura de receptor passivo dos conteúdos, passou a ser questionado e as práticas educativas nas escolas viraram alvos de discussões dentro da temática, já que a maneira como a disciplina vinha sendo trabalhada em sala de aula servia apenas para a memorização de conteúdos, sem que houvesse uma problematização dos mesmos e sem que os alunos pudessem ser agentes ativos e participativos no processo de ensino e aprendizagem.

Logo, a partir de tais aspectos, faz-se necessário um repensar imediato sobre a metodologia utilizada para ministrar as aulas de História, ou seja, é preciso redefinir novas metodologias, bem como novos recursos didáticos para trabalhar os conteúdos, fazendo com que os alunos possam com o auxílio do professor a construir seu próprio conhecimento a respeito de determinado assunto e partir da perspectiva de sujeitos históricos.

Todavia, por mais que se tenha a preocupação em aperfeiçoar a metodologia no Ensino de História, é perceptível que a abordagem dos conteúdos e a forma que a disciplina é ministrada nas escolas, continua por seguir o método tradicionalista de ensino, com aulas expositivas, utilização de livro didático como uma verdade absoluta sem a problematização dos conteúdos e o estímulo a memorização, conhecido como o famoso “decoreba” de datas, fatos e nomes, o que contribui para uma aula desinteressante e monótona, a esse respeito, encontra-se a seguinte colocação:

A abordagem tradicional é caracterizada pela concepção de educação como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão preestabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo. Trata-se, pois, da transmissão de ideias selecionadas e organizadas logicamente. Esse tipo de concepção de educação é encontrado em vários momentos da história, permanecendo atualmente sob diferentes formas (MIZUKAMI, 2013, p.11).

Nesse sentido, a abordagem tradicional segundo a citação acima parte da perspectiva em que o processo de ensino e aprendizagem segue um modelo em que a transmissão do saber precisa seguir uma lógica na qual a única preocupação é a sistematização dos conhecimentos proporcionados de forma acabada, isto é, há um padrão a ser seguido com o objetivo de fazer com que os alunos consigam fixar as informações sobre os conteúdos ministrados.

Diante do exposto, ressalva-se que essa perspectiva tradicional de ensino ainda está bastante presente no âmbito escolar, como foi observado durante a

pesquisa realizada na Escola Estadual Frei André da Costa, foco do presente estudo. Logo, por meio da experiência de estágio e diante da pesquisa de campo foi notável que as aulas de história ministradas pelos professores ainda apresentavam características marcantes desse modelo tradicional de ensino.

Pois, a didática era sempre a mesma aula expositiva com o professor trazendo para a sala de aula o conteúdo pronto, utilizando como ferramenta principal o livro didático para que os alunos acompanhassem cada assunto abordado e através dele realizassem os exercícios. Essa realidade era frequente em quase todas as turmas.

Todavia, não pode deixar de mencionar que apesar de presenciar essas características tradicionais, havia sim certo esforço dos docentes dessa disciplina em realizar um diálogo com seus alunos para que as aulas tornassem mais participativas, onde o professor identificasse o que os estudantes compreendiam sobre os conteúdos, mas a maior parte dos estudantes se mostrava desinteressados, não sei se era pela postura calma de um dos professores em lidar com essa situação que acabava por fazer com que os alunos não o respeitassem ou se os alunos não aprovavam a maneira que suas aulas eram ministradas. Tais questões serão apresentadas no tópico seguinte em que enfatizará a figura do aluno e sua perspectiva em relação a disciplina de História, analisando as entrevistas com base em cinco questões sobre o Ensino de História.

Desse modo, é importante frisar que mesmo diante das dificuldades em relação ao ensino e aprendizagem em História na escola e apesar das características marcantes do método tradicional de ensino, o docente "A" sempre que podia diversificava suas aulas, levando filmes e textos retirados de outras fontes que não era o livro didático sobre a temática abordada, para depois discutir com a turma, assim como análise de imagens, ainda utilizava atividades diferenciadas que ajudavam na nota no bimestre, como apresentação do conteúdo através de teatro ou exposição de seminário no auditório com uso de maquete feita pelos próprios alunos. Tais metodologias faziam com que seus discentes se envolvessem mais na disciplina, interagindo com seus colegas e demais estudantes e despertando o interesse em estudar História.

A partir dos discursos apresentados evidencia-se o contraste no que diz respeito à metodologia utilizada pelos professores para ministrarem as aulas de História em suas turmas, pois, enquanto um preferia utilizar uma prática

metodológica mais tradicional, em que a mesma didática que empregava nas suas turmas de 1º Ano do Ensino Médio também se aplicava nas de 3º Ano. O docente “B” diversificava a forma de ensinar os conteúdos, trabalhando a partir de uma perspectiva mais crítica o Ensino de História o que proporcionou aos seus alunos outra visão da disciplina, despertando o interesse e fazendo com que fossem alunos participativos.

Nesse sentido, o docente deve estar ciente que pode trabalhar para transformar as aulas expositivas em algo realmente significativo e prazeroso, tanto para ele mesmo quanto para seus alunos. O professor enquanto mediador do conhecimento precisa utilizar a motivação como sendo o elemento fundamental de suas aulas, deve estar atento que esse pode ser o fator eficaz para uma aula produtiva, em que o diálogo aconteça. Para exemplificar o que foi descrito, Bruner conceitua que “A motivação é sinônimo de interesse despertado pelo conteúdo e pela maneira como esse conteúdo é apresentado pelo professor”. (BRUNER, 1991, p. 95). Esta colocação do autor coincide com a afirmação de Antônio Carlos Gil sobre a possibilidade de motivação do aluno para um aprendizado eficaz:

[...] isto pode ser feito mediante a apresentação do conteúdo de maneira tal que os alunos se interessem em descobrir a resposta que queiram saber o porquê, e assim por diante. Convém também que o professor demonstre o quanto à matéria pode ser importante para o aluno. (GIL, 1994, p.60).

Ou seja, é preciso que o professor esteja atento com o que realmente os alunos precisam aprender, apresentando-lhes dúvidas e os levando ao pensamento crítico e reflexivo, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Sendo assim, com base no que foi exposto é evidente que ensinar História tem sido um desafio para os professores, principalmente em relação ao uso de uma metodologia que possa despertar o interesse do aluno e ao mesmo tempo fazer com que ele se sinta agente no processo histórico, na tentativa de romper com o método tradicionalista de limitar o aluno a uma postura passiva de receptor.

Assim, é necessário que se busque novas metodologias para trabalhar em uma perspectiva crítica e através dela proporcionar a construção do conhecimento histórico, para isso os docentes atualmente contam com o uso das tecnologias que se tornam grandes aliadas durante suas aulas, no entanto, não é objetivo do trabalho expor sobre o uso tecnológico no Ensino de História, ressaltando aspectos

positivos e negativos de sua utilização. Apenas é importante ser mencionado, pois uma das maneiras de diversificar a metodologia seria com os recursos proporcionados pela tecnologia.

Portanto, com relação à discussão do método “ideal” para ministrar uma boa aula de História, cada autor coloca seu ponto de vista e partindo da análise que cada um faz, discutem variados métodos para ajudar na prática docente e fazer com que os professores possam trabalhar a História em sala de aula, todavia, cabe ao próprio professor escolher a melhor maneira para ministrar suas aulas, e criar alternativas para transformar sua prática. É ele quem decide ser quer trilhar e proporcionar aos seus alunos um aprendizado significativo.

### **3.2 O ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Em todos os estudos voltados para o Ensino de História é perceptível a preocupação com relação a formação docente, bem como os saberes e a prática dos profissionais de História, todavia, são pouquíssimos os trabalhos que abordam a visão do aluno e suas perspectivas com relação ao estudo dessa disciplina. Logo, se faz necessário abrir o espaço da discussão para dialogar com aqueles que também fazem parte e são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem em História, afinal, já dizia o educador brasileiro Paulo Freire (2003), “Não há docência, sem discência” e ainda acrescenta que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. O autor deixa claro que assim como o ensino não depende somente do professor também afirma que o ato de aprender não é algo apenas do aluno, um processo complementa o outro, ambos são sujeitos e dependem um do outro para que a prática de ensino seja eficiente.

Dessa forma, para iniciar de fato a exposição sobre a visão dos alunos do Ensino Médio a respeito do ensino de História utilizo a argumentação de Murilo Mendes quando afirma que:

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe o ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ponto exige ou se valendo levemente da cola para passar nos exames. Damos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é realmente odiosa. (MENDES, 1935, p. 41 *apud* NADAI, 1993, p.143).

Essa epígrafe utilizada pela estudiosa Elza Nadai em seu artigo, é datada no ano de 1935 e foi retirada de um texto do Murilo Mendes, na qual expressa o sentimento da maior parte dos estudantes em relação a História. De 1935 até os dias atuais muito se discutiu sobre a maneira de ensinar e aprender a disciplina, todavia, alguns preconceitos ainda persistem.

Na atualidade, muitos alunos ainda questionam a verdadeira utilidade de estudá-la nas escolas, pois, perguntam eles, qual o intuito de estudar acontecimentos do passado na qual ainda nem éramos nascidos? Porque nos obrigar a memorizar datas e nomes que não vão me servir? Porque ter que compreender a história de outras culturas na qual não faço parte? Entre tantas outras indagações que se ouvem por parte do corpo discente.

Esses são apenas alguns dos questionamentos que os professores de História ouvem constantemente. Todavia, é evidente que são discursos repletos de conceitos equivocados que também dificultam na aprendizagem da disciplina. Mas em relação a isso se faz a seguinte pergunta: Será que a forma como a disciplina vem sendo ensinada continua odiosa? Ou a ausência de compreensão naquilo que é ensinado a eles contribui para que esse quadro permaneça?

Talvez a resposta para essas questões nos faz recapitular o que já foi mencionado no início desse capítulo sobre a importância do professor em mostrar aos seus alunos a função que a História exerce em suas vidas, apresentando o verdadeiro caráter que tem a disciplina e fazendo com que eles se sintam sujeitos da História e da produção do conhecimento histórico.

Diante disso, a compreensão dos alunos sobre a importância e o verdadeiro significado da História, permitirá não somente ajudar na desconstrução de conceitos equivocados como esses como também possibilitará ao educando refletir a partir de diferentes interpretações, produzindo o seu próprio conhecimento. Mas, para que esse discurso seja colocado em prática é necessário que o professor não se torne alienado a ponto de apenas se tornar um reproduzidor de informações prontas e acabadas. Logo, como descrito por Rocha:

[...] Tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino de 1º e 2º graus observa-se a predominância de atitudes conservadoras em relação à história e seu ensino. Pela insistência na repetição dos mesmos conteúdos e formas de transmiti-los se produziu um modelo escolar de História, difícil de ser superado. As inovações produzidas no conhecimento histórico que poderiam contribuir para oxigenar a prática docente encontra uma barreira

constituída, juntamente, por esse modelo tradicionalmente aceito como sendo “a História” (ROCHA, 1996, p. 48).

Infelizmente essa realidade de ensino tradicional, alastrou-se nas escolas que acabou resultando em um modelo escolar difícil de ser superado e isso foi observado durante a pesquisa realizada na escola Frei André, assim, a partir das entrevistas com os alunos muitos afirmaram que gostariam de aulas inovadoras e que isso prenderia atenção deles, afinal, atrair a atenção de jovens que passam 24 horas fixados no celular, estão sempre com assuntos em dia para conversar com seus amigos e colegas e que por pertencerem ao Ensino Médio acham que podem fazer tudo o que querem, é uma difícil tarefa para os docentes.

Além desses fatores, outro que esteve bastante presente nas turmas em que acompanhei no decorrer da pesquisa foi a falta de respeito dos alunos para com o professor, pois a postura de alguns estudantes nas turmas era assustadora, utilizavam do deboche para participar das aulas, respondiam de forma grosseira ao professor, não havia por parte desses estudantes a mínima vontade de aprender, por mais que o professor chamasse a atenção, a falta de respeito prevalecia.

Nesse contexto, o professor que antigamente era visto como um profissional respeitado exatamente por exercer um papel fundamental na formação e crescimento intelectual dos indivíduos se sente totalmente reprimido e sem estímulo para desempenhar seu trabalho. Assim, utiliza-se o fragmento do depoimento de uma professora da educação básica que fez parte do estudo realizado por Mendes:

Muitos alunos falam palavrões em sala de aula. Escrevem nas carteiras e paredes, ofendendo professores. Riscam os carros no estacionamento. Debocham de nós, nos desprezam. É como se nós não tivéssemos direito de conquistar nada: um carro, uma casa, férias, uma viagem, um objeto bonito. Professoras que vêm bem arrumadas para a escola são motivo de chacota e fofocas dos alunos. Os jovens não respeitam seus pais, por que respeitariam a nós? (MENDES, 2003, p.16).

Com base no depoimento dessa professora é evidente que a situação acima reflete bem a experiência vivenciada pela maior parte dos docentes atualmente. Se já não bastasse a desvalorização do seu trabalho, com salários baixíssimos, eles ainda tem que passar por circunstâncias como essa, tendo que suportar violência psicológica e em alguns casos até física. Assim, comportamentos violentos de alunos estão cada vez mais presentes dentro das escolas brasileiras.

Entretanto, não é objetivo do trabalho aprofundar a discussão sobre a indisciplina escolar, como a falta de respeito dos alunos para com o professor ou a desmotivação do docente enquanto profissional da educação, pois são problemáticas que se fazem presentes no cotidiano do Ensino de História. Porém, o foco do trabalho é outro, pois visa investigar a metodologia utilizada nas aulas de História. Apenas foi mencionada a questão pelo fato de ter sido notado nas turmas da referida escola, então seria interessante explicitar para que o leitor entendesse que os alunos também tem sua parcela de culpa na conjuntura em que o Ensino de História no Brasil se encontra.

Desse modo, retornando o foco desse tópico, que é abordar a visão dos alunos do Ensino Médio com relação ao ensino de História presente em seu cotidiano escolar, ficou claro durante o período de observação das aulas e das entrevistas que metodologias diferentes e outra postura dos professores em ministrar os conteúdos seriam fatores que contribuiriam para aulas de História melhores, mais participativas e menos sonolentas e desinteressantes.

É preciso, então, que se problematize os conteúdos, para então trabalhar com o cognitivo dos estudantes, fazendo com que eles questionem o que está sendo estudado, a problematização dos conteúdos certamente fará com que as aulas deixem de serem monótonas e desestimulantes. Sobre esse assunto, Bruner afirma que “Quando o aprendiz parece se acomodar com o conhecimento adquirido cabe ao professor apresentar-lhe dúvidas, causando assim desequilíbrio, que para ser corrigido irá requerer reconstrução cognitiva” (BRUNER, 1991, p. 125). Essa colocação do autor vem ao encontro do que pensa Zamboni quando ressalta que:

O mais importante é que o professor se acostume a problematizar o conteúdo, porque cria condições para um aluno pensar sobre ele, argumentar e fundamentar suas opiniões. A problematização sempre exige que o aluno pesquise, levante hipóteses, classifique-as e passe a um processo de comprovação ou rejeição com argumentos da hipótese escolhida (ZAMBONI, 2001, p.10).

Nesse sentido, a partir dos discursos apresentados evidencia-se a necessidade de problematizar os conteúdos de História, proporcionando ao aluno transformações em seu pensar, e os levando a questionar e refletir sobre o que está sendo abordado, contribuindo assim para a construção do seu próprio saber. A

reflexão fará com que o aluno deixe de lado a atividade de memorização, pois o professor irá trabalhar com o cognitivo da turma de uma maneira diferente.

Portanto, no decorrer desse tópico, buscou compreender através da ótica dos alunos quais as suas opiniões em relação ao estudo da História, ressaltando os aspectos negativos que na visão deles contribuem para uma aula desmotivadora e cansativa, bem como os aspectos positivos que tornariam a disciplina mais interessante de ser estudada, tais questões serão mais bem fundamentadas no tópico seguinte na qual será exposto as entrevistas com os alunos do 1º, 2º e 3º Ano da escola Frei André, que por meio dos seus depoimentos expressaram suas reflexões com base nas cinco questões formuladas sobre o Ensino de História.

### **3.3 REFLETINDO O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DA ESCOLA FREI ANDRÉ: ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Durante a vida escolar sempre se questiona a importância e utilidade das disciplinas estudadas, todavia, quando os alunos se questionam sobre qual o valor das aulas de História quase sempre resulta em respostas insatisfatórias, isso porque o próprio aluno já traz consigo elementos que moldam a disciplina como sendo “chata” porque na sua mente a História só serve para estudar o que já passou, logo, se torna algo sem valor.

Desse modo, é crescente o número de alunos que criam um conceito errado a respeito do estudo da História. Logo, pensar que seu estudo se limita apenas a aprender fatos acabados e prontos ou afirmar que é uma disciplina que somente preocupa-se com datas e nomes, são visões equivocadas que relegam a História como sendo sinônimo do passado e nada mais que isso.

Apesar de esses conceitos estarem bastante presentes no cotidiano do Ensino de História, graças ao surgimento do movimento dos Annales no século XX que trouxe consigo novas formas de pensar e escrever História com novos tipos de fontes iniciou-se um processo de grandes modificações metodológicas que possibilitaram ao Historiador bem como ao professor o uso de outros métodos e ferramentas para os auxiliarem na produção do conhecimento histórico na tentativa de romper com a historiografia positivista e assim desconstruir tais conceitos equivocados.

Nesse sentido, para evidenciar esse discurso na prática foram realizadas entrevistas com os estudantes da escola. Ao total 20 alunos foram entrevistados e relataram suas experiências vivenciadas no cotidiano do Ensino de História em suas turmas e falaram abertamente sobre questões básicas, como:

- ✓ O que é História para você?
- ✓ Qual a importância de estudá-la nas escolas?
- ✓ Você sente-se ou não agente no processo histórico?
- ✓ Como acontecem as aulas de História em sua turma e como gostaria que elas fossem?
- ✓ Como você se avalia enquanto aluno? Apenas recebe o conteúdo do professor e do livro ou participa criticamente do processo de formação do conhecimento histórico?

Nesse sentido, quando questionados sobre qual o conceito que atribuíam à História, constatou-se que a maioria dos alunos ainda classificam a História como sendo apenas sinônimo do passado, como se observa nos trechos abaixo:

*Pra mim história é uma disciplina que estuda tudo o que aconteceu no passado, todos os acontecimentos anteriores ao tempo em que estamos. (Depoimento – Aluno do 1º Ano 01)*

*História é onde aprendemos a estudar o passado, como os povos antigos, seus costumes, suas religiões. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 02)*

Em sua grande maioria os alunos responderam a essa questão sempre com esse mesmo sentido. Fica evidente que quando se trata de conceituar a História os alunos ainda sentem dificuldades, pois o conhecimento que lhe é transmitido não é problematizado da maneira que deveria, o professor enquanto mediador desse processo precisa trabalhar aspectos como esse em sala e formular juntamente com os alunos outros conceitos que possam desconstruir esse pensamento que já vem impregnado no consciente dos estudantes de que a disciplina só estuda o passado e nada mais que isso.

No entanto, pouquíssimos alunos apesar de ainda persistirem com o conceito de passado foram mais além em suas falas, pois colocaram a História como sendo ciência e se interligando com o presente, logo, descreveram da seguinte maneira:

*História é uma disciplina e também uma ciência onde estudamos todos os fatos importantes que marcaram e marcam o mundo, é onde podemos viajar por todos os lugares antigos e descobrir como eles viviam. É como se fosse uma viagem no tempo onde aprendemos tudo o que de importante aconteceu na nossa sociedade e nas outras. (Depoimento – Aluna do 2º Ano 01)*

*Na minha opinião, História é uma ciência que estuda assuntos do passado, mas que também ajuda a compreender o presente, como por exemplo tudo o que aconteceu para chegar no que somos hoje. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 02)*

*História é a ciência que relata fatos históricos destacando personagens e momentos importantes para a História do mundo e do nosso país, assim como ela estuda o passado ela também estuda o presente e ajuda num futuro melhor. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 01)*

Por outro lado, no depoimento de uma aluna do 2º ano e de dois alunos do 3º, observa que a História vai além de ser uma simples disciplina, mas sim uma ciência que estuda, relata e a partir dos fatos históricos tenta entender o tempo presente. Essas são outras concepções importantes de destacar.

Desse modo, é função do professor de História mostrar aos seus alunos que a história não se resume a simples repetição dos conhecimentos acumulados, que não se conceitua como sendo apenas uma Ciência do passado, mas sim, que é fundamental na compreensão da vida e dos acontecimentos sociais que já aconteceram, que estão acontecendo e os que ainda estão por vir. A História está em constante desenvolvimento, ela é continuamente reconstruída.

Para além desse fato, que a História é formada e feita por mulheres, homens, negros, brancos ricos, pobres, por governantes e governados, dominantes e dominados, pela guerra e paz, por intelectuais e pessoas comuns, todos somos e fazemos parte dela. Ela é plural tanto pela diversidade das perspectivas, a partir das quais é produzida, quanto pela riqueza dos temas que aborda. A História pode ser política, econômica, religiosa, das ideias, das mentalidades, dos costumes, da cultura, do cotidiano, das organizações sociais, das relações internacionais, das regiões, dos municípios, do mundo, antiga, medieval, moderna, contemporânea. Sem dúvida alguma é a Ciência mais completa de todas.

Assim, prosseguindo com as perguntas, após verificar os conceitos atribuídos a História, o próximo questionamento foi sobre a importância do seu estudo nas

escolas, diante disso, se obteve resposta em que os alunos com toda sinceridade afirmaram o seguinte:

*É importante porque nos informa das coisas, mas eu não gosto de estudar essa disciplina, é muito chato só ver coisas do passado e ainda ter que decorar um monte de datas. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 03)*

*Eu aprendi em todas as séries que história é importante porque faz a gente entender o passado, mas entender o passado é chato, estudar coisas que já aconteceram é chato, a gente tem que ficar decorando as coisas pra prova e estudando assuntos de outros lugares. (Depoimento – Aluna do 3º Ano 04)*

*Acho que tem outras matérias mais importantes que história pra estudar, não gosto muito, o professor diz que é importante pra entender coisas importantes que existem, mas é muito chato, as aulas de história me dão sono. (Depoimento – Aluno do 2º Ano 03)*

*História não é importante, importante é português, matemática, porque estudam assuntos que vamos precisar, agora história? não tem nada que vamos precisar, eu só decoro as coisas pra prova acho que não vai me servir nunca mais depois dela. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 04)*

É perceptível no depoimento desses alunos o discurso negativo com que se referem a disciplina de História, além de classificarem as aulas como sendo “chatas” “sonolentas” “decorativa” entre tantos outros aspectos negativos, ainda retiram a importância dela durante sua vida escolar, colocando-a sem serventia. Entretanto, esse quadro foi diferente na fala de outros alunos que afirmaram o seguinte:

*Pra gente saber e entender como era antigamente, como aconteciam as coisas, e quem eram aquelas pessoas que nos representavam, porque elas eram tão importantes que até hoje ainda são lembradas, na verdade acho que a matéria de história é importante porque nos informa e nos relembra momentos importantes. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 01)*

*História é importante porque sem ela não aprendemos e conhecemos nada sobre quem somos. Ela serve pra mostrar onde erramos no passado pra que não seja repetido no presente, ela nos informa de tudo e de todos. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 03)*

*Ela nos mantém informados de tudo que ocorreu e vem ocorrendo no mundo, tem colegas que não gostam muito porque só serve pra aprender coisas do passado, mas eu acho que depende, a gente estuda sobre o passado, mas também aprende a ser melhor ser humano no presente e no futuro também, porque aí não repetimos as coisas ruins que já aconteceram. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 01)*

*História é muito importante porque dependemos dela para conhecer melhor o lugar que vivemos. Ela nos informa e nos ajuda a compreender a realidade em que vivemos e todo desenvolvimento da nossa sociedade. (Depoimento – Aluno do 2º Ano 01)*

Diante desses depoimentos, nota-se a importância de estudar História para outros alunos, segundo eles, a mesma não estuda somente o passado, mas serve como uma fonte de informação que ajuda na compreensão do presente e ainda colabora para que erros do passado não sejam cometidos novamente. Assim, pode-se dizer que o papel da História enquanto Ciência é exatamente servir de instrumento de conscientização dos homens.

O Estudo da mesma nos possibilita o conhecimento do passado, para, além disso, ajuda no entendimento da evolução do ser humano ao longo dos tempos. Ela não apenas analisa este, mas através dele interpreta e recria fatos que nos levam a compreender o presente, para prevenir que erros que já aconteceram não veiam a ser cometidos novamente, corroborando com Saviani que afirma:

É pela história que nos formamos como homens, é por ela que nós conhecemos e ascendemos à plena consciência do que somos; que pelo estudo do que fomos no passado, descobrimos ao mesmo tempo o que somos no presente e o que podemos vir a ser no futuro. (SAVIANI, 2008, p. 151).

São fatores como estes que o professor de História precisa explicitar aos seus alunos enquanto profissional da área, se faz necessário que o docente mostre a importância dessa Ciência na vida cotidiana de todos, para que seus discentes tomem consciência e não caiam no erro de criar conceitos equivocados sobre o que vem a ser História ou qual a importância da mesma em suas vidas.

Ao serem questionados sobre se eles se sentem ou não agentes no processo histórico, relataram:

*Sim, porque todos nós somos construtores da história, querendo ou não todos os dias criamos nossa própria história e isso se torna nossa marca na História. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 01)*

*Com certeza, porque com minhas ações no dia a dia eu interajo com a História o tempo todo, acho que tudo o que eu faço é História, por isso me sinto um agente no processo histórico. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 02)*

*Me sinto um agente no processo histórico sim porque se não fôssemos nós os seres humanos e nossas ações na sociedade não existiria a História”. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 04)*

*Não me considero porque acho que só é agente no processo histórico quem participa ou participou de momentos importantes na História, tipo como manifestação reclamando algo. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 04)*

*Não porque só é quem gosta de História, como os professores que dão aula de História, os autores de livros de história, eu não gosto de História e*

*também acho que nada que eu faça contribua com a história.* (Depoimento – Aluno do 1º Ano 04)

Percebe-se na fala desses alunos que enquanto alguns afirmam que se sentem agentes no processo histórico e que a História contribui para que isso ocorra, há outros que contrapõem esse pensamento, pois só participa desse processo quem realmente se importa com História e gosta, e nesse perfil só se encaixa os professores, autores de livros, estudiosos da área, apenas esses contribuem com a História.

Na verdade o homem desde os primórdios sempre construiu e constrói sua própria história e conseqüentemente de alguma forma isso contribui para que cada um se torne agente nesse processo histórico, entretanto, como foram constatados nos dois últimos depoimentos, muitos ainda acreditam que suas ações cotidianas não os fazem participantes da História.

Sendo assim, um homem não viveria sem a História e sem o conhecimento histórico, como que saberia de onde veio, seus antepassados, suas crenças e seus costumes? O porque da sociedade ser desta ou daquela maneira, porque da sua cidade, Estado, bairro ou rua ter surgido, sua história de vida, nada disso se conheceria se não fosse essa Ciência.

Desse modo, o docente tem que deixar claro aos seus alunos que esta enquanto Ciência dialoga com os mais diversos campos do saber, tais como: Filosofia, Sociologia, Geografia, Política, Antropologia, Direito, Economia, logo se torna inegável a importância da História, não somente para aqueles que trabalham diretamente com ela, mas para todos os seres humanos, que necessitam dela para compreender os acontecimentos que moldam as relações sociais, políticas e econômicas.

Sem dúvida, a disciplina de História proporciona todos esses conhecimentos e tem uma função tão importante no desenvolvimento de um indivíduo mais crítico e reflexivo, ajudando na consolidação da formação da cidadania de todos, principalmente dos jovens, tornando-os cidadãos mais críticos e participativos.

Para evidenciar a importância da História na vida cotidiana, compartilho do mesmo conceito do historiador francês Marc Bloch que na sua obra “Ofício do Historiador” afirma que a “História é a Ciência dos homens no tempo” (BLOCH, , citando as palavras do autor, é uma ciência que estuda, questiona, analisa, interpreta, compreende e recria a vida do homem, seus feitos e fatos através do

tempo, investigando o que fizeram, sentiram e como agiram enquanto seres sociais. Desse modo, o conhecimento histórico contribui no entendimento do homem enquanto ser que constrói seu tempo.

Questionando sobre a metodologia utilizada pelo professor em sala de aula, perguntou-se aos entrevistados como eram as aulas de História em suas turmas e como gostaria que elas fossem, responderam:

*Bom, ele chega faz a chamada, pega o livro, copia no quadro, passa atividade, é dessa forma em todas as aulas. Gostaria que tivesse teatro, levasse a gente pra pontos históricos da cidade, porque história não precisa ser só na sala de aula, não precisa só utilizar o livro. (Depoimento – Aluno do 2º Ano 01)*

*Primeiro ele chega e chama atenção da sala porque a sala não é muito boa e nem quieta, faz a chamada, vai colocando os tópicos no quadro e vai explicando, a gente vai acompanhando no livro e depois passa atividade. Não mudaria a metodologia dele, mas gostaria que ele fosse mais rígido com o pessoal que bagunça, já que não quer assistir a aula que ele mande pra fora da sala para não ficarem atrapalhando. (Depoimento – Aluna do 2º Ano 02)*

*Chatas pra caramba. O professor dá o conteúdo, passa a página do livro onde o conteúdo tá, ele pede pra gente ler um parágrafo e vai explicando. Eu acho que isso se tornaria mais interessante se tivesse uma outra forma de passar os assuntos pra ajudar no entendimento, como por exemplo um teatro, fazer a gente se sentir naquela época em que ocorreu determinado acontecimento importante, o que eles passaram. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 03)*

*Chega e passa o conteúdo com base no livro didático. Manda a gente ler e depois ele explica os parágrafos que nós lemos. Gostaria que tivesse dinâmica, teatro, que pudéssemos ver vídeos e filme sobre o assunto que iremos estudar pra ajudar a compreender. (Depoimento – Aluno do 1º Ano 02)*

*São muito chatas é a mesma coisa toda aula, ele passa o assunto, a gente acompanha no livro e ele explica e passa atividade. Eu mudaria praticamente tudo na aula dele, porque eu gostaria que tivesse mais recursos nas aulas, como o próprio slide, tivesse aulas práticas como teatro. Ele não usa outros recursos e a aula fica chata demais. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 01)*

É importante ressaltar que esses depoimentos foram de alunos que apesar de pertencerem a turmas diferentes estudavam com um mesmo professor que era um dos dois docentes encarregados da disciplina de História na escola, por isso fica evidente que ele utilizava da mesma metodologia em todas as turmas que lecionava e isso para os estudantes era um aspecto desmotivador que deixavam as aulas desinteressantes. Assim, sobre essa situação Mantoan (2006) afirma que:

Os docentes em sua grande maioria tem o falar, o copiar e o ditar como recursos didáticos pedagógicos básicos. É um professor palestrante, identificado com a lógica de distribuição de ensino e que pratica a pedagogia unidirecional do A para o B e do À sobre o B. (FREIRE, *apud* MANTOAN, 2006, p.52).

Dentro desse contexto fica claro que o único recurso das suas aulas era o livro didático e reforçam a ideia de que o uso de metodologias diferenciadas nas aulas de História seria um fator de estímulo. Muitos alunos mencionaram que a utilização de teatro, filmes, dinâmicas, vídeos e até mesmo um passeio em pontos turísticos do município para compreender a História Local, tornariam as aulas mais interessantes e participativas. No entanto, apenas um aluno concordou com a metodologia utilizada por esse professor, só o que mudaria segundo ele era a atitude com que o docente tratava a turma, precisava de mais rigidez com os demais alunos.

Em contraste com essa situação havia os alunos de outras turmas que estudavam com outro professor e quando questionados sobre essa mesma questão, afirmaram em seus depoimentos que as aulas de história eram interessantes. Apesar de algumas vezes ser utilizado somente o livro, a professora se preocupava em diversificar sua metodologia em outros momentos, levando textos, utilizando músicas, vídeos e filmes, realizando seminários em sala e no auditório em forma de teatro com utilização de maquetes para que outras turmas pudessem assistir as apresentações. Realizava também atividades extraclasse com temas da disciplina para que os alunos dramatizassem na quadra da escola, fazendo com que compreendessem o conteúdo de forma mais didática e ainda se sentissem naquele determinado contexto histórico. Tal situação é verificada a partir das afirmações a seguir.

*Ela inicia a aula como todo professor faz, começa pela chamada e depois vai explicando o conteúdo que vamos estudar, algumas vezes usamos o livro e em outras ela leva uns textos diferentes, a gente acompanha a aula por aí. Ela usa coisas, como música, passa documentários e filmes dos assuntos que estamos estudando e isso ajuda a gente a entender melhor. Eu gosto. (Depoimento – Aluno do 1º Ano 03)*

*Ah eu não gostava dessa disciplina, pra mim era muito chata, mas depois que comecei a estudar com a professora, eu passei a gostar, porque ela faz coisas diferentes, ela faz teatro, seminário, usa métodos diferentes de ensinar. Eu acho interessante sua aula. (Depoimento – Aluna do 2º Ano 03)*

*A professora dificilmente usa o livro, ela gosta de trazer outros textos, gosta que a gente participe das aulas dela, por isso trás coisas diferentes pra*

*gente se interessar e participar dando opinião sobre o conteúdo. (Depoimento – Aluno do 2º Ano 03)*

*A aula de história inicia normal que nem as outras, a professora chega faz a chamada, ela passa a pagina do livro quando temos que usar, outras vezes ela leva uns textos prontos já pra gente poder acompanhar, ela usa slides, faz a aula ficar interessante porque nossos outros professores só vem pra sala e usa o livro e os alunos quase nem trazem os livros, só quando somos obrigados mesmo. (Depoimento – Aluna do 1º Ano 03)*

*As aulas são normais, faz todo o processo que o professor tem que fazer em sala, mas ela é diferente, ela utiliza várias coisas maneiras pra explicar o conteúdo, slides, filmes, vídeos, até teatro as vezes. Eu nunca tinha feito nada disso antes. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 03)*

É perceptível na fala dos estudantes que enquanto há um consenso entre as reclamações e críticas atribuídas a metodologia de determinado professor, em outras respostas observa-se de forma positiva a conformidade dos alunos com relação a maneira de como as aulas são ministradas em suas turmas.

Dessa maneira, os estudantes do docente “A” sentiam-se insatisfeitos com a maneira que o professor ministrava suas aulas, pois apenas utilizava o livro didático e não havia inovação no ato de ensinar, no entanto, os alunos do docente “B” estavam mais motivados para o estudo da História, já que concordavam com a metodologia aplicada por seu professor em sala.

Na ultima pergunta feita aos estudantes o quadro de respostas foi bem parecido, na verdade, quase unânime, pois quando questionados sobre como se avaliavam enquanto alunos, se eram aqueles que apenas recebiam o conteúdo do professor e do livro didático sem questionar em nada ou se faziam parte do perfil de estudantes que participavam criticamente do processo de formação do conhecimento, suas respostas foram as seguintes:

*Bom eu não sou muito de falar, ainda mais nas aulas de História que dão sono, então prefiro ficar na minha. Me considero um aluno passivo, não participo em nada, apenas ouço o que o professor tem pra explicar. (Depoimento – Aluno do 1º Ano 01)*

*Pra te falar a verdade, eu não gosto muito de participar, porque sou nervosa e também tenho medo de errar alguma coisa e meus colegas zoarem comigo, por isso prefiro ficar na minha. Me avalio como sendo uma aluna calada e que não participa das aulas, por conta desses motivos que te falei. (Depoimento – Aluno do 2º Ano 01)*

*Não participo de jeito nenhum, fico só na minha, as vezes até sei a resposta de alguma pergunta do professor, mas por medo de errar prefiro nem abrir a boca pra falar nada. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 02)*

*Olha eu me considero sim um aluno participativo, gosto de falar, de tirar as dúvidas que eu tenho, as vezes a sala toda não ta nem aí pro professor e então ele fica na minha frente e vai explicando só pra mim, porque na minha turma sou o único que presta atenção nas explicações dele, então vamos conversando eu e ele sobre o conteúdo. (Depoimento – Aluno do 3º Ano 01)*

*Eu participo bastante, então me considero sim uma aluna participativa, gosto das aulas porque a professora deixa a gente interagir, eu sempre questiono coisas que não entendo, porque tem professor que não gosta quando perguntamos algo, já acham que estamos querendo afrontar eles, tem outros que nem falar durante a aula dele pode, mas em História eu participo porque a professora é legal e faz com que a gente possa interagir com ela. (Depoimento – Aluno do 1º Ano 01)*

Nesse sentido, dos alunos entrevistados a maioria se auto avaliou como sendo aqueles que não participavam das aulas, seja por que não gostavam de falar, ou não se identificava com a disciplina ou por terem medo de errar e serem alvo de piadas na turma. Assim, muitos demonstraram o receio que sentiam em falar diante dos colegas, por mais que quisessem ou sabiam a resposta para alguma pergunta, todavia, preferiam o silêncio à serem reprimidos pelo próprio professor ou serem motivo de risadas dos colegas.

No entanto, em contradição com essas respostas outros poucos alunos se avaliaram como participativos e críticos, que gostavam de interagir e questionar os professores, fazendo a aula monótona se tornar um diálogo. De todos os alunos entrevistados apenas 4 alunos afirmaram serem participantes do processo de formação do conhecimento.

Essa situação foi perceptível durante o estágio, pois os alunos não se preocupavam em interagir com o professor, não faziam perguntas em relação aos conteúdos, nas turmas existia um ou dois que participavam diante de 30 alunos da sala, era dessa forma em todas as classes da escola.

Portanto, a partir do depoimento dos estudantes entrevistados evidenciaram-se alguns desafios e problemas metodológicos presentes no cotidiano do ensino de História na escola Frei André, apesar de ter obtido respostas negativas de grande parte dos alunos, houve aqueles que de maneira positiva atribuíram à disciplina de História toda a importância que exerce na vida do cidadão para a construção de uma sociedade melhor. Por isso, é importante que se mantenha um diálogo entre professores e alunos para que tais aspectos negativos sejam analisados e assim solucionados para que o processo de ensino e aprendizagem, bem como a relação professor-aluno seja eficaz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se compreender a partir da perspectiva dos alunos os desafios e os problemas metodológicos presentes no cotidiano do ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa, levando em consideração alguns pontos importantes, tais como: saber junto aos alunos como era realizado o processo de ensino e aprendizagem em suas turmas, observando as principais dificuldades em História e o interesse e a participação dos estudantes durante as aulas e ainda identificar se a metodologia e os recursos utilizados pelos docentes estavam voltados para o ensino tradicional ou crítico.

Dessa forma, a partir das observações e entrevistas a pesquisa obteve dados suficientes para chegar a um resultado significativo que correspondeu de forma positiva aos objetivos propostos pelo trabalho. Logo, em função dos resultados, podem ser elaboradas algumas reflexões e considerações.

O cenário que se presenciou durante a realização do estágio e a partir do depoimento dos estudantes não é diferente da realidade vivida por professores e alunos de outras escolas públicas espalhadas pelo Brasil, deste modo, foi frequente deparar-se com o descontentamento dos estudantes e também dos docentes em relação ao processo de ensino e aprendizagem em História, já que os professores queixavam-se do desinteresse por parte dos seus alunos e estes por sua vez, alegavam que essa disciplina é muito teórica e decorativa e que ainda possui assuntos desinteressantes e sonolentos, tendo como consequência aulas monótonas, cansativas, sem questionamentos e participação dos discentes.

Nesse contexto, ficou evidente que havia um contraste entre os docentes no que diz respeito as suas práticas pedagógicas e também na atitude dos alunos em relação a disciplina, pois enquanto era visível que um professor procurava diversificar sua metodologia e recursos em suas aulas o outro não se preocupava em inovar e então o modo que ministrava o conteúdo para as turmas de primeiro ano, utilizava nas de terceiro.

O mesmo aconteceu entre os alunos, como foi observado nas entrevistas, uma vez que apesar de ter obtido respostas negativas em sua grande maioria sobre o ensino de História, alguns estudantes ainda reverteram esse quadro quando mostraram em seus discursos a importância que a mesma exerce em sua vida e na

sociedade ajudando na compreensão dos fatos históricos para o entendimento do presente e na construção de cidadãos mais participativos.

Assim, enquanto as turmas em que o professor apenas utilizava o livro didático como elemento essencial das suas aulas, tratavam a disciplina de História como sendo irrelevantes, as turmas em que estudavam com a professora que diversificava sua metodologia, seus recursos e a maneira como ministrava suas aulas, atribuíam ao ensino de História a importância que merece.

De tal modo, a partir de tais aspectos é notório que no ensino de História presente no cotidiano de professores e alunos da escola havia uma mescla entre tradicional e crítico e isso refletia diretamente no processo de ensino e aprendizagem, bem como na relação professor e aluno, nesse sentido, fica claro que o uso de uma nova metodologia e de recursos variados ofereceria aos alunos aulas mais atrativas e participativas, tornando-as menos monótonas, pois isso foi verificado nas turmas em que a professora utilizava outras ferramentas que auxiliavam positivamente suas aulas.

Para isso, o professor tem que se atentar a necessidade de seus alunos e ir em busca de um ensino dinâmico e atraente, que faça com os estudantes se sintam mais dispostos e comprometidos com as aulas de História, para além disso, que possa despertar não somente o interesse mas também os leve ao pensamento crítico e reflexivo, tornando-os participantes na construção do conhecimento e de um saber histórico escolar. Talvez esse seja o grande desafio para os docentes: fazer que sua aula seja um momento oportuno para um aprendizado eficaz, através de um ensino atrativo, dinâmico e com significados para a vida do aluno.

Então, como bem afirma os autores que trabalham a perspectiva do ensino de História: “A História é referência. É preciso, portanto que seja bem ensinada” (PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi, 2004, p. 19), ou seja, necessita que o professor esteja preparado para ensinar, esteja motivado, que leia bastante e que possua meios que despertem interesse nos seus alunos, levando-os a desenvolver um espírito crítico.

Por isso, há diversas possibilidades de tornar uma aula de História mais interessante, dinâmica e participativa a partir da análise de imagens, fotografias e jornais, confecção de cartazes, histórias em quadrinho, o uso de vídeos, músicas, filmes e documentários, da literatura, de maquetes, teatro, até mesmo o auxílio do livro didático, dependendo da maneira como o professor vai utilizá-lo. Logo, todos

esses recursos contribuem e muito durante as aulas de História, pois além de auxiliar o docente também é uma forma de atrair atenção e de mostrar a importância das temáticas aos seus alunos, isto é, são outras possibilidades como caminhos para a construção do conhecimento na disciplina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf); acesso em: 10 jul. 2017.

Apostila dos 100 anos dos Espiritanos no Brasil, 75 anos de Prelazia, 50 anos de Consagração da Matriz.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9<sup>o</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRUNER, J. **O Processo da educação**. 2. Ed. São Paulo: Nacional, 1991.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 255.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONCECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **Historia & Ensino de Historia**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT**. 17. ed – Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p.

GIL, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, C.L. e PIMENTA, S.G. **Reverendo o ensino de 2 Grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2015**. [online] Disponível na internet via: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm)> Consultado em 01 de Junho de 2016.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 6. ed. Revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1983.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 1ª edição. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, M. T. E; PIETRO, R. G. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. Summus, 2006.

MENDES, Tânia Maria; TORRES, Juliana Mousquer. **A vitimização de professores e a “alunocracia” na Educação Básica**. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética segundo o protocolo 2006 - 373H. Os sujeitos que participaram da investigação assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em desenvolvimento, 2007.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U, 2013.

NADAI, Elza. **O Ginásio do Estado em São Paulo: uma preocupação republicana (1889-1896)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1987.

NADAI, Elza. (1993) — **O ensino de História no Brasil: trajetórias e perspectiva**. II Revista Brasileira de História, São Paulo, v.13. 25/26, p. 143-162, set.1992/ago.1993

PESSOA, Lopes Protásio. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. Manaus: Novo Tempo, 2004.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação dos professores: unidade teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1995.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M. do S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi. **Por uma História prazerosa e conseqüente**. In: KARNAL, Leandro (org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.19.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (Org.) **Repensando o ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **História da História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário**. EccoS – Revista Científica, v.10, Especial, p. 147-67, 2008.

SCHAEKEN, Raimunda Gil. **FMM – Vida e missão neste chão**. Manaus: Colorgraf, 2015.

SCHAEKEN, Raimunda Gil. **Tefé, minha saudade.** Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 2004.

SCHAEKEN, Raimunda Gil. **Centenário da Presença Espiritana na Prelazia de Tefé – AM.** Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1997.

Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia.** Brasília: A Secretaria, 2001.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos historiadores.** Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

ZAMBONI, Ernesta. **História Integrada é um eufemismo.** São Paulo: Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2001.

**APÊNDICE A – Documento de autorização encaminhado a Gestora para o desenvolvimento da pesquisa na Instituição**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

De Professora Dra. Cristiane da Silveira  
Orientadora do TCC

Para: Sr (a). Gestor(a)

Prezado (a) Senhor (a) Gestor (a),

Apresento a acadêmica **Kettlen Cristiny Lemos Vieira Cordeiro** matriculada no curso de Licenciatura em História, e solicito a V.S. colaboração para que ela possa realizar sua pesquisa de TCC intitulada “Ensino Tradicional x Ensino Crítico: Desafios e problemas metodológicos do Ensino de História na Escola Estadual Frei André da Costa” junto à Escola que dirige.

A pesquisa implicará na observação do cotidiano da sala de aula, entrevistas com os alunos, o acesso a documentos e outros. Posto isto, solicito a gentileza de colaborar com a acadêmica facilitando o seu acesso aos vários espaços do escola para o bom desempenho de sua pesquisa.

Atenciosamente,

---

Professora Orientadora

---

Gestor (a)

## **APÊNDICE B – Questionário de Entrevista**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST**  
**CURSO: LICENCIATURA EM HISTÓRIA**  
**ACADÊMICA: KETTLEN CRISTINY LEMOS VIEIRA CORDEIRO**  
**PROFESSORA ORIENTADORA: CRISTIANE DA SILVEIRA**

Caro estudante, esta entrevista é parte integrante da pesquisa sobre o Trabalho de Conclusão de Curso que estamos desenvolvendo voltado para o Ensino de História e suas respostas são muito importantes para a análise da fase exploratória deste estudo! Não será exposto seu nome, apenas série e turma em que estuda. Desde já, agradecemos por sua colaboração!

Objetivo: Analisar a partir do presente questionário alguns fatores com relação ao cotidiano de História vivenciado pelos alunos da Escola Frei André e com base em suas respostas verificar o processo de ensino e aprendizagem em História a partir da ótica dos estudantes.

- 1. O que você entende por História?**
- 2. Qual a importância de estudá-la nas escolas?**
- 3. Você sente-se ou não agente no processo histórico? E porquê?**
- 4. Como acontecem as aulas ministradas pelo seu professor e como você gostaria que elas fossem?**
- 5. Como você se avalia enquanto aluno? Apenas recebe os conteúdos do professor e do livro didático ou realmente participa criticamente do processo de formação do conhecimento?**

## **ANEXO A – Histórico da Escola Estadual Frei André da Costa**

## HISTÓRICO

A Escola Estadual Frei André da Costa é uma das escolas mais antigas do município de Tefé e foi organizada pelos esforços da Prelazia de Tefé e do Instituto das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria - IFMM, que atuaram há anos no campo missionário e educacional da região do Solimões. Em 1948, foi fundada pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria uma escola de formação de professores rurais com denominação de: Escola Rural Santa Tereza, que em 1957 passou a chamar-se “Escola Normal Regional Santa Teresa” e a partir de 1963, “Ginásio Normal Santa Teresa”.

No ano de 1952, a Prelazia de Tefé, fundou, anexo ao Seminário Espírito Santo, em Tefé, um ginásio para formação e educação da juventude masculina. Todavia, a partir de 15 de fevereiro de 1969, uniram-se os dois ginásios, Normal Santa Teresa e Espírito Santo em um só, chamado de “Colégio Santa Tereza”.

Dessa forma, o então Colégio Santa Tereza funcionava em sistema misto, com a previsão de começar o ensino do 2º grau, naquele tempo chamado ainda Curso Colegial e funcionando em convênio com a Secretária da Educação e Cultura. Porém, por falta de professores qualificados foi impossível iniciar o Curso Colegial Pedagógico no ano previsto.

No ano seguinte, em 28 de outubro de 1970, foi firmado outro convênio com a Secretaria da Educação e Cultura pelo qual foi criado o “Colégio Estadual de Tefé”, e o prédio passaria a ser cedido ao Estado, ficando sob a administração e orientação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

Foi somente no ano de 1971, que começou o ensino de 2º Ciclo com a 1ª série do Curso Pedagógico. Em março desse mesmo ano, pela Resolução nº 2064, foi criada a Unidade Educacional de Tefé.

A partir de 1972, o Colégio Estadual de Tefé, passou a moldar-se dentro das normas da Lei nº 5.692/71, adaptando-se a Reforma do Ensino e denominada oficialmente Unidade Educacional de Tefé. Pela Resolução nº 008/80 GVG/CEPS a escola recebeu a denominação oficial de: “Escola de 1º e 2º Grau de Tefé”, pertencente à Unidade Educacional de Tefé.

Com isso, o Colégio Estadual de Tefé foi criado pela Resolução nº 2064 de 09 de agosto de 1971, tendo sido o seu nome mudado para Escola de 1º e 2º Grau de Tefé, pelo Decreto nº 4870 de 24/03/80.

Pelo convênio firmado em 02 de maio de 1980, a SEDUC, responde pela conservação e manutenção do prédio e da remuneração do pessoal docente e administrativo. Por meio do Decreto-Lei nº 6047, publicado pelo Diário Oficial de 21 de dezembro de 1981, o nome da Escola de 1º e 2º Graus de Tefé foi mudado mais uma vez para “Escola de 1º e 2º Graus Frei André da Costa”, em homenagem ao fundador da cidade. E por fim, no ano de 1989 a Escola recebeu definitivamente o nome de “Escola Estadual Frei André da Costa”.

A Escola Estadual Frei André da Costa, está situada na Rua Getúlio Vargas, nº 189. O terreno onde a Instituição se localiza funciona em prédio construído pelo Instituto das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. É de suma importância mencionar que este terreno continua sendo de propriedade da Congregação das “IFMM”, apenas foi cedido ao Estado para que este através da SEDUC, ficasse encarregado da conservação e manutenção do prédio e da remuneração do pessoal docente e administrativo.

No decorrer desse tempo, a escola teve profissionais competentes que levaram adiante sua missão educacional, como: Rosineide de Castro Queiroz, Assunta Maria Castro Araújo, Francisco Gomes Macuiama e atualmente quem está à frente da direção da escola é a professora Rosângela Lima Rocha.